



**museu da imigração**  
do estado de são paulo

PLANO MUSEOLÓGICO

**Coordenação e Redação do Plano Museológico**

Expomus- Exposições, Museus e Projetos Culturais

**Consultores**

Eduardo Góes Neves

José Guilherme Magnani

**Equipe de Pesquisa da exposição**

Odair da Cruz Paiva

Glória Kok Martins

Kelly Ludkiewicz Alves

**Revisão**

Lia Ana Trzmielina

**Diagramação**

BUMMUB

## Índice

### **I. APRESENTAÇÃO**

#### **1. PRINCÍPIOS NORTEADORES E PERFIL MUSEOLÓGICO**

##### **1.1. Missão**

##### **1.2. Visão**

##### **1.3. Objetivos**

#### **2. O MUSEU DA IMIGRAÇÃO DO ESTADO DE SÃO PAULO: A MEMÓRIA HÍBRIDA E PLURAL**

##### **2.1. O Museu da Imigração em relação aos modelos internacionais**

##### **2.2. O Museu da Imigração e seu posicionamento no Brasil**

##### **2.3. O Museu da Imigração e o Arsenal – Instituições convergentes**

##### **2.4. O Museu da Imigração e a MetrÓpole: O Cenário das Mutações**

##### **2.5. O Museu da Imigração do Estado de São Paulo e as Dinâmicas Sociais Colaborativas**

### **II. PROGRAMA MUSEOLÓGICO**

#### **1. PROGRAMA DE COMUNICAÇÃO**

##### **1.1. Recepção e acolhimento**

##### **1.2. Programa de exposições**

###### **1.2.1. Exposição de longa duração**

###### **1.2.2. Exposições temporárias e itinerantes**

##### **1.3. Programa educativo**

###### **1.3.1. Histórico da instituição**

###### **1.3.2. Relação museu-escola**

###### **1.3.3. Atendimento pedagógico às exposições – visitas orientadas**

###### **1.3.4. Passeio de trem**

###### **1.3.5. Formação dos educadores**

###### **1.3.6. Formação para professores**

###### **1.3.7. Atendimento a famílias**

###### **1.3.8. Público espontâneo**

- 1.3.9. **Vivências**
- 1.3.10. **Seminários e palestras**
- 1.3.11. **Materiais educativos**
  - 1.3.11.1. *Caderno para o professor*
  - 1.3.11.2. *Caderno do aluno*
  - 1.3.11.3. *Jogo de tabuleiro – a aventura do deslocamento*
  - 1.3.11.4. *Folder/Passaporte*
  - 1.3.11.5. *Periódico da ação educativa*
- 1.3.12. **Oficinas interdisciplinares (Prédio 8)**
- 1.3.13. **Ação educativa em números**
  - Espaços Físicos**
- 1.4. **Ações de mobilização e comunicação**
  - 1.4.1. **Festa do Imigrante**
  - 1.4.2. **Site/Portal**
  - 1.4.3. **Café/ Restaurante**
  - 1.4.4. **Loja**
- 1.5. **Programa de pesquisa**
  - Espaços Físicos**
- 1.6. **Programa de história oral**
  - Espaços Físicos**
- 1.7. **Programa editorial**
- 2. **PROGRAMA DE PRESERVAÇÃO**
  - 2.1. **Áreas técnicas**
    - 2.1.1. **Museologia**
      - Aspectos físicos**
    - 2.1.2. **Reserva técnica**
      - Aspectos físicos**
      - Prédio 1**
    - 2.1.3. **Sala de conservação e processamento do acervo**
    - 2.1.4. **Sala de catalogação e documentação**

- 2.1.5. Sala de quarentena
- 2.2. Áreas técnicas complementares
- 3. PROGRAMA DE AVALIAÇÃO INTEGRADA
- 4. PROGRAMA DE GESTÃO
- 5. PROJETOS COMPLEMENTARES
  - 5.1. Programa de segurança
    - 5.1.1. Sistema integrado de segurança patrimonial, automação predial e cabeamento estruturado
  - 5.2. Programa de combate a incêndios
  - 5.3. Iluminação
  - 5.4. Climatização (Sistemas de ar condicionado e de ventilação mecânica)
  - 5.5. Sistema elétrico
  - 5.6. Projeto paisagístico
  - 5.7. Sustentabilidade
- III. **BIBLIOGRAFIA**
  - Sites de Referência

## I. APRESENTAÇÃO

A elaboração do Plano Museológico está inserida no projeto de requalificação museológica e museográfica iniciada em 2010 pelo Memorial do Imigrante/Museu da Imigração do Estado de São Paulo, para o qual a Expomus venceu uma concorrência pública. O trabalho vem-se desenvolvendo em parceria com a Organização Social e a Secretaria do Estado da Cultura de São Paulo. Este documento visa a fornecer subsídios conceituais e técnicos, de natureza museológica, que permitam ao Museu refletir sobre suas proposições institucionais, requalificar suas ações de médio e longo prazos e, com isso, assumir com maior segurança a execução de seus projetos, bem como garantir a condição de equiparação e destaque frente às demais instituições museológicas do Estado e do país.

Para o desenvolvimento deste trabalho, tivemos acesso aos documentos já consolidados pela instituição, sendo eles: diagnósticos realizados em 2008 e 2009, projeto de restauro e readequação das áreas da instituição, planejamento estratégico e desenvolvimento da requalificação do Programa Educativo. Com isso, nosso objetivo primeiro foi reconhecer as conexões e coerências entre estes projetos.

A articulação da trajetória da instituição e o reconhecimento dos trabalhos anteriores é também o objetivo deste Plano Museológico.

A metodologia empregada em todo o projeto de requalificação está arregimentada sob o pilar da interdisciplinaridade, constituído pelo trabalho em equipe e pela mobilização de diferentes conhecimentos e atores. Essa metodologia está em consonância com as perspectivas mais contemporâneas de desenvolvimento de projetos museológicos, favorecendo o diálogo entre os conhecimentos conceituais e técnicos específicos necessários à requalificação das instituições culturais.

O princípio para as novas articulações e sinergias entre os programas do Museu é o conceito gerador da exposição de longa duração e de seus novos eixos.

O Plano contemplará, portanto, o perfil museológico da instituição, o programa museológico e a interface entre a museologia e os projetos complementares: climatização, automação, paisagismo e segurança, bem como os novos conceitos de avaliação integrada e sustentabilidade.

### 1. PRINCÍPIOS NORTEADORES E PERFIL MUSEOLÓGICO

O fechamento da Hospedaria de Imigrantes, no ano de 1978, deu início a um período de transformação de seu edifício em patrimônio público e importante ícone da história do Estado e da cidade de São Paulo, bem como do país, uma vez que a história da imigração, em distintas dimensões, é comum a todos.

Desde o fechamento da Hospedaria até os dias de hoje, o edifício e sua história passaram

por importantes fatos: o tombamento do edifício pelo Condephaat (1982); a criação do Centro Histórico do Imigrante (1986); a criação do Museu da Imigração (1993); e a concretização do Memorial do Imigrante (1998).

Desde sua criação, a Hospedaria de Imigrantes do Brás recebeu aproximadamente 70 nacionalidades e etnias, e contar esta história fornece subsídios para o entendimento da constituição plural da sociedade brasileira hoje, ao mesmo tempo em que, principalmente, traz luz à história do Estado de São Paulo, por meio de seus muitos atores: italianos, espanhóis, nordestinos, indígenas, lituanos, japoneses, coreanos, peruanos e tantos outros que ousaram se deslocar para construir o novo.

O Memorial do Imigrante reuniu numa parte do antigo complexo de edifícios da Hospedaria do Brás as atividades de: Museu da Imigração, Centro de Pesquisa e Documentação, Núcleo Histórico dos Transportes e Núcleo de Estudos e Tradições; no momento atual, passa por mais uma transformação, com o seu fechamento para restauro em agosto de 2010, momento em que também foi iniciado o redesenho museológico e das suas áreas expositivas, bem como de todos os seus programas.

O Memorial do Imigrante/Museu da Imigração é um *museu histórico*, que tem sob sua guarda parte significativa do patrimônio da imensa população de imigrantes e migrantes – cerca de 2,5 milhões de pessoas – que passaram pela Hospedaria do Brás, entre os anos de 1887 e 1978. Esse patrimônio está referenciado na instituição como: documentação textual, documentação iconográfica, acervo museológico tridimensional, história oral e os saberes e os fazeres dos imigrantes, mobilizados, principalmente, para a Festa do Imigrante, que a instituição vem realizando há 16 anos.

No contexto mundial, museus e centros de pesquisa abrigam a memória dos grandes deslocamentos populacionais do final do século XIX e início do século XX. Alguns temas são comuns a todos estes espaços: a viagem, os objetos de uso pessoal e cotidiano, os livros de registro e embarque nos navios e as novas formas de sociabilidade nos pontos de chegada – estas representadas das mais variadas formas (arquitetura, culinária, vestuário, música, dança, etc.).

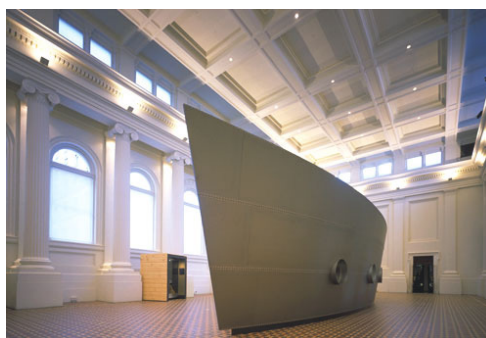
Os museus de migração na Europa são, na sua maioria, mais recentes que a iniciativa brasileira. Outros, porém, destacam-se em cidades formadas por imigrantes, assim como São Paulo – é o caso do Museu de Imigração em Melbourne, na Austrália, do Memorial em Ellis Island – Nova York, nos Estados Unidos, e o Píer 21 em Halifax, no Canadá.



Ellis Island, Nova York - EUA



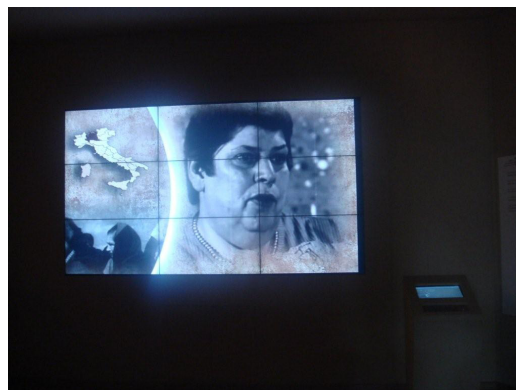
Museu de Imigração em Melbourne - Austrália



Pier 21 em Halifax - Canadá



Devido à grande influência cultural da imigração italiana em São Paulo, e expressividade numérica da imigração no início do século XX, elegemos como inspiração para esse Plano Museológico o Museo Nazionale dell'e Imigrazione, de Roma, Itália.







*Museo Nazionale dell'Immigrazione, Roma – Itália*

Na cidade de São Paulo, a temática da imigração está representada em arquivos, centros culturais, casas de cultura, instituições assistenciais e escolas; no entanto, essas iniciativas tratam o tema de forma compartimentada pela representação das nacionalidades. O desafio do comitê curatorial para a exposição de longa duração, portanto, foi tratar a imigração como processo contínuo e contemporâneo, sem com isso prescindir das histórias dos imigrantes e migrantes que passaram pela Hospedaria, e pela própria história do edifício e seus usos.

Pela permeabilidade do tema na história da formação do Estado e a sua constituição no país, o Museu da Imigração possui relevância histórica e ocupa um lugar privilegiado de fórum e intersecção de temas fundamentais para a compreensão da vida na cidade e de sua singular posição de destaque na Federação.

### 1.1. Missão

Promover o conhecimento e a reflexão sobre as migrações humanas, numa perspectiva que privilegie a preservação, comunicação e expressão do patrimônio cultural das várias nacionalidades e etnias que contribuem para a diversidade da formação social brasileira.

### 1.2. Visão

Consolidar a posição de referência nacional e internacional como museu e centro de pesquisa e referência sobre movimentos migratórios no Brasil.

### 1.3. Objetivos

- Garantir que os recortes – temático, cronológico e geográfico – definidos no projeto curatorial sejam abordados de forma interativa nas ações de comunicação da instituição, com uso de uma linguagem de fácil entendimento por diferentes públicos.
- Apresentar, de forma contextualizada, o acervo museológico representativo para cada temática elencada.

- Proporcionar diferentes visões sobre as temáticas do Museu, de modo que o público tenha possibilidade de formar uma opinião crítica sobre os temas.
- Criar canais efetivos de participação das comunidades junto aos programas do Museu.

## 2. O MUSEU DA IMIGRAÇÃO DO ESTADO DE SÃO PAULO: A MEMÓRIA HÍBRIDA E PLURAL

*Maria Ignez Mantovani Franco*

O Museu da Imigração do Estado de São Paulo é, sem dúvida, um dos mais expressivos casos de museus brasileiros que traz inovação ao cenário internacional, ostenta uma personalidade própria no âmbito nacional e adquire força singular no âmago da metrópole que o abriga.

### 2.1. O Museu da Imigração em relação aos modelos internacionais

No cenário internacional, por se tratar de um *Museu de história e de sociedade*, o Museu da Imigração do Estado de São Paulo poderia se situar entre os milhares de *museus históricos* de diferentes dimensões e matizes que se espalham quase que obrigatoriamente em diferentes cidades, em distintos países e continentes. Esses museus, via de regra, narram histórias e memórias locais, que atribuem sentido e lógicas de pertencimento a seus habitantes. Diferentemente deste modelo, apesar de conter a potencialidade de narrar tais histórias e de fazê-lo, o Museu da Imigração caracteriza-se exatamente pelo oposto, ou seja, pelo entrelaçamento de memórias de diferentes culturas e contextos sociais e humanos, evidenciando repertórios de encontros e relações híbridas – e muitas vezes contraditórias – que atribuem diferentes destinos a muitas vidas. Adquire, portanto, o poder de estabelecer correspondências, ligações, trocas e alternâncias nos planos da memória, na medida em que pesquisa, seleciona, coleta, organiza, conecta, difunde e celebra os processos migratórios. No entanto, seu movimento não é exatamente o de tentar eternizar o enraizamento local, mas acima de tudo o de registrar e celebrar os fluxos humanos, e os estados transitórios das passagens que marcam o movimento do homem ao se deslocar continuamente, desde os tempos mais pregressos, por todo o globo terrestre.

Este Museu trabalha, portanto, com múltiplas histórias, incontáveis memórias, multifragmentos de origens, procedências, formas de registro em suportes diferenciados, que adquirem, mais do que a força da narrativa, a expressão própria dos perfis humanos carregados de memórias e de artefatos que sustentam histórias pessoais, delineiam partidos coletivos e enunciam a capacidade de troca, de entrelaçamento e de hibridação sociocultural do ser humano.

O que lhe atribui especial sentido, talvez seja o jogo articulado que se estabelece entre o particular e o geral, entre o local e o global. O extrato de memória de um imigrante, carregado de emoção, de incertezas e de dúvidas, quando contraposto às memórias de outros tantos imigrantes de um dado contexto e período históricos, possibilita a compreensão dos sentidos de determinado fluxo migratório em direção a este ou aquele país, revelando diferentes políticas de Estado – muitas vezes diferentes, porém ocasionalmente confluentes – que geraram o deslocamento massivo de homens e mulheres que radicalmente desejaram mudar-se de país, enfim, de contexto, para simplesmente sobreviver, ou ganhar, sustentar a vida.

Neste sentido, vemos que, partindo dos fragmentos de memórias, o Museu da Imigração é capaz de rastrear experiências de grupos de origens semelhantes, contrapor perfis, características, vivências culturais de diferentes etnias, mostrar com vitalidade as fórmulas espontâneas e constitutivas das trocas, dos aprendizados mútuos, do compartilhamento e da adaptação em sistemas amalgamados e não “guetificados”, no Brasil.

No exercício de modelagem museológica, percebemos que o Museu da Imigração do Estado de São Paulo se afasta igualmente dos modelos internacionalmente reconhecidos como *museus da tolerância*, que adotam uma estratégia para despertar o visitante para o valor da aceitação e tolerância das diferenças e formas de ser e sentir. No caso do Museu da Imigração, trabalha-se a partir da compreensão de que as diferenças existiram, existem e existirão, não precisarão ser anuladas, mas, ao contrário, poderão ser sim experimentadas, vivenciadas e recompostas em direção ao novo. A cacofonia de línguas, as distantes origens, os múltiplos hábitos e costumes, passam inicialmente por um sentido de estranhamento que se transforma em descobertas, em amálgamas, em formas de convivência que não anulam confrontos, disparidades ou diferenças. Quanto mais estes valores dicotômicos possam ser trabalhados e experimentados socialmente, de forma clara e colaborativa, com mais vigor poderão ser experimentados também no Museu, com a perspectiva de identificar novas formas de convívio e de relacionamento humanos.

O Museu discorre sobre dificuldades, estranhamentos, organização do trabalho, sistemas de adaptação e trocas, reconhecendo buscas pessoais, familiares e coletivas de superação. Provoca assim espelhamentos que não apenas dão conta do passado, mas acima de tudo emulam o presente e inspiram o futuro de milhares de visitantes.

## 2.2. O Museu da Imigração e seu posicionamento no Brasil

Num país carente de *museus de história* propriamente ditos, como o Brasil, o Museu da Imigração do Estado de São Paulo assume a cena e apresenta, no seu novo modelo pós-requalificação ora em processo, um novo perfil que em muito se distancia dos modelos em vigor. Os *museus históricos* foram um modelo pouco valorizado no Brasil, em detrimento dos *museus de arte*, fato que, por si só, já registra um empecilho reiterado que dificultou o surgimento mais plural de *museus de história* ativos, vigorosos e comprometidos com a vida em sociedade. Os mais consistentes *museus históricos* nacionais, como o Museu Histórico Nacional, no Rio de Janeiro, e o Museu Imperial, em Petrópolis, que sempre atraíram a visitação pública (sendo por longos anos os mais visitados do país), não conseguiram despertar a vontade política dos governantes de neles investir sistematicamente. Vemos, portanto, que os *museus de história* que se estabeleceram no Brasil tiveram um lugar praticamente secundário no cenário museológico brasileiro, que, em parte, a trajetória modernista nos impôs. Assim, o Museu da Imigração do Estado de São Paulo não encontra similar à altura no cenário nacional, estando os processos migratórios e imigratórios distribuídos em *museus de história* ou mesmo em museus temáticos de menor porte, em diferentes estados e

municípios, evidenciando a relevância do tema, sem contudo lhes conferir um real protagonismo. Com relação ao Museu Paulista da Universidade de São Paulo e ao Museu de História do Estado de São Paulo – esse último em fase de constituição –, pode-se dizer que o Museu da Imigração do Estado de São Paulo continuará a cumprir papel transversal, próprio e que poderá ser um eixo de sentido que reflita, comente e reverbere o papel indiscutível da imigração na formação econômica e social deste Estado, que não por acaso foi chamado de “locomotiva da nação”.

O fato de o Museu da Imigração do Estado de São Paulo se valer da edificação-símbolo da imigração, que acolheu milhares de pessoas advindas das correntes imigratórias e migratórias, internacionais e nacionais, respectivamente, qualificam a Hospedaria do Imigrante como um *objeto-síntese*, potencializado pela aura da história vivida e a ser contada para as futuras gerações. Neste sentido, os trabalhos de restauração da edificação e as formas de revitalização museológica ora empreendidas potencializam exponencialmente o Museu frente às coletividades de imigrantes e migrantes do Estado de São Paulo, bem como diante do cenário museológico nacional.

No entanto, mais do que oferecer um museu revigorado, é imperativo conferir-lhe força de inovação e papel social intrínseco. Neste sentido, o programa museológico ora proposto arquiteta algumas estratégias dignas de nota. A primeira delas é a eleição do “presente” como um novo paradigma para o Museu. Falar das correntes imigratórias presentes no Estado e na cidade de São Paulo, reconhecendo dicotomias e contradições latentes, dar fala aos bolivianos, aos angolanos, aos paraguaios, entre outras nacionalidades que vivenciam o trabalho sub-humano nos bairros envoltórios do próprio Museu, é sinal de vigor e coragem. Conferir-lhes protagonismo nas linhas de pesquisa presente e futura do Museu é expressão de busca de entendimento do processo migratório contemporâneo; mais do que tudo, é manter o Museu de olho no futuro. Por outro lado, abrir o Museu à interação das comunidades migrantes, conferindo-lhes presença na discussão sobre o futuro da instituição, é algo talvez inédito, que precisará ser conduzido com acerto e rigor. Para além de convidá-las a organizar e participar da Festa do Imigrante, que se realiza anualmente, será preciso construir caminhos de representação efetiva e que impeçam a natural divisão da instituição museológica em guetos de representações culturais ou nacionais. Para isso, há que se considerar o plano mais amplo do Museu, o seu universo de sentido, para quem e com quem o Museu dialoga, ou seja, a sociedade como um todo – imperativa e composta de pessoas de diferentes origens, nações e etnias –, soberana em suas disparidades e amalgamada em suas semelhanças. Isto só se fará ampliando-se as teias de relações de conteúdo com as diferentes universidades locais e nacionais, abrangendo relações com fundos de pesquisa, com instituições de interesses análogos, nacionais e internacionais, frentes de articulação ligadas à história do trabalho no Brasil, instituições de preservação da memória, organizações educacionais em todas as esferas e matizes, instâncias comunicacionais, enfim, todos e quantos estiverem interessados em colaborar para a construção de uma instituição museológica aberta à pesquisa, à formação e à celebração em torno dos processos imigratórios em nosso país.

Estes novos desafios propostos para o Museu da Imigração do Estado de São Paulo exigirão da instituição, no entanto, um novo *modus operandi* – cada vez mais aberto, ativo e plural –, voltado a compreender processos, mutações e distintos canais de articulação social. Abrem-se, assim, novos canais de comunicação colaborativa em que o Museu poderá assumir um papel protagonista, como *objeto* de interesse e *agente* de sentido. Isto significa saber captar e atrair o interesse público, sem abdicar do papel de conduzir seu próprio destino, selecionando e descartando novos atributos e papéis sociais que lhe serão propostos.

Para tanto, terá de dialogar nas mídias sociais e terá de construir um corpo funcional estruturado e sólido, capaz de conduzir as discussões conceituais e programáticas que se avizinham. Deverá dialogar com instituições congêneres no Brasil e no exterior, com a segurança de quem não ignora o papel econômico e social que nosso país representa hoje no cenário global. Trata-se, portanto, de assumir a reflexão e a discussão da própria globalização como um processo natural, que dialoga ativamente com os processos migratórios contemporâneos. O Museu da Imigração deverá, dessa forma, assumir um discurso proativo e contemporâneo na esfera local com relação aos processos migratórios presentes e, na esfera global, contracenar em tempo real com as dicotomias e potencialidades que a globalização nos impõe.

O Museu da Imigração do Estado de São Paulo terá de se apresentar como um fórum de debates em torno de temas contraditórios mundiais ligados à imigração, descortinando cenários possíveis, comentando fatos relevantes ligados ao racismo, à intolerância e à xenofobia, em contextos nacionais e globais. Deverá experimentar métodos e discursos interdisciplinares que trarão dados de interesse público, obtidos a partir do entrelaçamento de distintos matizes do conhecimento. Poderá arquitetar simulações de novos cenários sociais que possam trazer contributos para as políticas públicas nas áreas sociais, de imigração, de economia, da educação e da cultura – um laboratório vivo de experimentos a partir de vivências humanas capazes de transformar o futuro das migrações no Brasil. Sistemas avaliativos poderão ser empreendidos em ações internas e extramuros, obtendo indicadores elucidativos sobre processos historicamente apropriados ou hoje vivenciados, propiciando novas interpretações que possam iluminar entendimentos e caminhos prospectivos de estudos das migrações e políticas públicas em nosso país e no contexto global.

### **2.3. O Museu da Imigração e o Arsenal<sup>1</sup> – instituições convergentes**

Não há dúvidas de que entre o Museu e o Arsenal misturam-se causa e efeito simbólicos. Só São Paulo, por sua tez e vivacidade migrantes, poderia ter mantido uma hospedaria ágil e atuante como esta do Brás, em pleno século XXI. Só São Paulo poderia ter a força de ali instalar o maior Museu da Imigração da América Latina; de ali incrustar e manter o Arse-

<sup>1</sup> Arsenal da Esperança - Fundada em 1996, a casa, que ocupa parte do prédio histórico que abriga o Memorial do Imigrante, diariamente oferece acolhida a 1.200 pessoas em dificuldade, dando-lhes abrigo, comida e, sobretudo, apoio para que possam transformar a sua própria condição de vida. Em 15 anos de atividades, já hospedou mais de 36 mil pessoas.

nal, refúgio ativo daqueles que dialogam com a cidade no limite entre o desejo de estar e ser indesejado, entre aquele que depende e atua socialmente, entre o limite de quem veio e corre o risco de ser expulso, entre o ser rejeitado e ser acolhido. O Museu e o Arsenal atuam em conjunto numa escala de tempo sem precedentes. Tornam-se propriamente metáforas mútuas, intermitentes, indissociáveis e consonantes que, por força da justaposição, estabelecem diálogos por vezes estarrecedores, sombrios e, ao mesmo tempo, humanos, vivos e dinâmicos. O Arsenal é muito benéfico ao Museu, para que este se mantenha vital e permanentemente lúcido. O Museu é grande parte do que um refúgio social precisa para trabalhar condições de autoestima e pertencimento humanos. Torna-se, portanto, fundamental explorar tais dinâmicas associativas entre ambas as instituições, tornando-se um universo único e permeável de trocas sociais e culturais. O Museu deve deixar-se permeiar pelas forças sociais do Arsenal, enquanto este poderá ser povoado pelos programas do Museu. Em interlocução permanente, poderão se beneficiar para além das festas e das celebrações, encontrando caminhos cotidianos de trocas, de confiança mútua e de convívio social. O Museu pode ser o vizinho mais enfático a transformar a condição de vida dos frequentadores e moradores do Arsenal. O Arsenal poderá ser o vizinho mais inquietante e pulsante a manter o tônus vital do Museu enquanto instituição vocacionada à transformação social.

Em sentido de expansão circular, pode-se considerar igualmente o papel espraiado do Museu em seu entorno, capaz de transformar dinâmicas sociais da própria região e, ao mesmo tempo, redesenhar o perfil e as especificidades dos grupos étnicos ali residentes.

Neste sentido, o Museu da Imigração pode ter um papel relevante na requalificação de toda aquela área urbana da cidade, ou seja, ele pode se tornar o ícone, o arauto a negociar social e politicamente melhores condições de convivência. Zonas de exclusão, de insegurança, de tráfico se avizinham hoje do Museu, de forma muito contundente. A atitude de ignorar estas questões ou ainda tentar proteger o Museu contra elas pode se revelar uma estratégia frágil, insuficiente e equivocada. Parece acertado o programa de efetuar um levantamento mais abrangente do entorno, de forma a ter informações qualificadas para os estudos que se seguirão. Há indicadores fortes de que só uma ação compartilhada entre áreas de planejamento urbano, inclusão social, cultura, educação, saúde e meio ambiente poderá ser transformadora. Os limites do Museu devem ser porosos e generosos para acolher e ser acolhido pelas forças e relações pré-existentes na área envoltória, certamente rica de elementos intangíveis que interessam, e muito, ao Museu.

#### **2.4. O Museu da Imigração e a metrópole: o cenário das mutações**

Torna-se imperativo falar de São Paulo como um dos mais simbólicos eixos de sentido do Museu da Imigração. Apesar de o tema da imigração ser constantemente abordado em diferentes museus locais e regionais, retratando esta ou aquela etnia, caracterizando-se como atrativo turístico ou reforço de sentido de pertencimento de diferentes comunidades de imigrantes que se espalharam pelo Brasil ao longo dos séculos XIX, XX e XXI, quando se fala do

Museu da Imigração do Estado de São Paulo, sediado na Hospedaria do Imigrante, no bairro do Brás, na capital paulista, a escala torna-se outra: este museu está em diálogo com uma das quatro maiores metrópoles mundiais – São Paulo. Este fato, por si só, constrói um cenário exponencial de sentidos que cabe ao Museu abarcar, relacionar e potencializar nas suas exposições, programas e ações.

Mais do que tudo, o Museu da Imigração estará em posição de destaque, em razão de São Paulo ser uma megacidade mundial, que sequer conseguiu erigir um *museu de cidade* que se dedique à sua memória e história contemporânea. São Paulo referencia-se museologicamente ainda por meio de memórias particulares, em museus de diferentes temáticas, que se esforçam para abranger um território de sentidos dos mais complexos, ou seja, o de uma megalópole. Esta ligação visceral entre o Museu da Imigração e a cidade de São Paulo se dá, especialmente, por ser ela o resultado mais vivo e contundente dos processos imigratórios e migratórios de que foram palco os séculos XIX e XX, no Brasil.

O ritmo de crescimento das cidades no mundo é de 1 milhão de pessoas por semana; se em 1950 havia 86 cidades com mais de 1 milhão de habitantes, atualmente há 400 delas em todo o mundo. Contudo, o efeito mais expressivo do processo de urbanização é, sem dúvida, a explosão das megacidades. Foi preciso um século para que a população urbana – cerca de 3,4 bilhões de habitantes – superasse a do campo, mas em 2025, o percentual da população urbana já será de 61%, segundo projeções da Organização das Nações Unidas – ONU. Este dado só confirma que continua sendo de grande interesse o estudo apurado e contínuo das migrações humanas em escala global e local.

São Paulo é hoje o quarto maior centro urbano do mundo – depois de Tóquio-Kobe, no Japão, Shanghai, na China, e Cidade do México –, caracterizada como a primeira macrometrópole do Hemisfério Sul, onde habitam 22 milhões de habitantes, aproximadamente 12% da população brasileira. Na cidade de São Paulo, encontra-se situado o parque industrial mais rico do país, que corresponde a 65,3% do Produto Interno Bruto do Estado de São Paulo, ou 21,1% do PIB do Brasil.

Matéria recente do jornal O Estado de São Paulo<sup>2</sup> traz os seguintes dados a respeito da cidade de São Paulo:

*O PIB da cidade de São Paulo é de R\$ 320 bilhões, registrando-se 1950 agências de bancos nacionais e internacionais em operação em seu território. Detém 600 mil empresas, sendo mais da metade concentradas em prestação de serviços.*

*A capital paulista abriga as maiores populações japonesa, espanhola, portuguesa e libanesa fora de seus respectivos países de origem.*

<sup>2</sup> Jornal O Estado de São Paulo. *Caderno Especial*. p.p. H10 e H11. Terça-feira, 25 de janeiro de 2011.



*Evidenciando seu perfil multifacetado e multiétnico, São Paulo serve 52 tipos diferentes de culinária, atendendo uma diversa gama de clientes dos mais simples aos mais exigentes, em cerca de 12.500 restaurantes. Para se ter uma ideia da escala de produção e consumo da cidade, em São Paulo se produz 17 mil sushis por hora, um milhão de pizzas por dia ou 720 pizzas por minuto, registrando-se 6 mil pizzarias que faturam em conjunto cerca de 4 bilhões de reais por ano. Só no Mercado Municipal, no coração da cidade, são movimentadas 350 toneladas de alimentos por dia.*

*São Paulo é também o centro de produção do conhecimento no Brasil, com 148 universidades. Apresenta um dos mais altos indicadores de desempenho em níveis de mestrado e doutorado no Brasil, sendo os seus complexos universitários fortes referenciais para estudantes latino-americanos e africanos.*

*Apresenta uma teia urbana de serviços ainda relativamente precária e caótica, com serviços públicos deficitários, como é o caso do transporte público. Com 15 mil ônibus urbanos em circulação, detém a terceira maior frota de táxis da América Latina e uma rede de metrô que transporta 3 milhões de pessoas por dia. Circulam em São Paulo 300 mil veículos de carga por dia, o que evidencia ser a cidade importante cruzamento e entreposto de cargas e mercadorias do país.*

*Ainda que seja a maior macrometrópole do Hemisfério Sul, São Paulo tem cerca de 20 milhões de metros quadrados em áreas verdes, e também a maior rede de iluminação pública do mundo, com 530 mil lâmpadas.*

*São Paulo é uma cidade que recebe cerca de 12 milhões de turistas por ano, que em sua maioria são atraídos por negócios.*

*Para evidenciar a pujança do crescimento contemporâneo de São Paulo, registra-se que no setor imobiliário 600 edifícios são erguidos por ano na capital, sendo comercializados quatro imóveis por hora.*

Estes dados expressivos da pujança econômica e da diversidade humana e sociocultural dão-nos evidências de ser São Paulo um território de múltiplos sentidos, com diferentes centralidades urbanas e novos arranjos sociais, que imprimem distintas formas de ser e de viver em sociedade. Explorando o conceito de múltiplas centralidades que a própria megacidade nos impõe, vemos que as populações gravitam em torno de diferentes marcos urbanos, de novas referências sociais, de novas centralidades expandidas, de novas formas de circulação, de comunicação e de interação social.

Esta pluralidade humana se manifesta igualmente em múltiplos territórios migrantes na

grande cidade, em diferentes temporalidades, como nos apresenta Paiva<sup>3</sup>. Trata-se de bairros, partes da cidade em que a tessitura social superpõe, sucede, transforma, protege, assimila, ou ainda tensiona e exclui diferentes comunidades migrantes. Podem ser apontados alguns dos mais expressivos exemplos de territórios migrantes na cidade de São Paulo: Liberdade, Bom Retiro, Brás, Bela Vista (Bexiga), entre outros. Ali se sucedem e convivem diferentes etnias à luz de complexas relações culturais, sociais, econômicas, laborais e de lazer, ou mesmo respeitando ondas de assentamento, mudança e dispersão que a cidade lhes propõe em seu redesenho contínuo.

A relação do Museu da Imigração do Estado de São Paulo com a cidade o transforma num elemento referencial da metrópole paulistana. Esta relação é tão forte e indissociável que praticamente elege o Museu como elemento-síntese que enuncia os territórios migrantes da cidade, que agrega as comunidades operativas oriundas de distintos países, que franqueia suas portas a diferentes grupos colaborativos, e que liberta o Museu para assumir um modelo mais proativo, participativo e contemporâneo.

## **2.5. O Museu da Imigração do Estado de São Paulo e as dinâmicas sociais colaborativas**

O Museu da Imigração do Estado de São Paulo, a partir de sua reabertura ao público, deverá assumir de forma decisiva sua face contemporânea. Isto o impulsiona a adotar a linguagem do século XXI, sem declinar de seu valor histórico expresso por sua edificação, pelo seu acervo, pelos seus programas e ações.

As novas competências patrimoniais e comunicacionais que lhe serão atribuídas capacitam-no igualmente a expandir seu diálogo com as redes associativas migrantes, com a rede de museus nacionais e locais que celebram memórias de determinadas correntes migratórias e, mais do que tudo, a conectar-se de forma especial e única com cada um de seus visitantes que acorrer ao Museu ou a alguma de suas plataformas de interação: website, redes sociais, etc.

De forma primordial, está prevista a inversão do sentido, uma alteração de fonte emanadora de significado. Contemporaneamente, um museu não só atrai, como se dirige a diferentes públicos, e com eles dialoga e se comunica. Assim, há previsão de ações colaborativas e itinerantes de cooperação com instituições similares internacionais, nacionais e locais, independentemente de sua vinculação institucional. Este Museu da Imigração, como o seu próprio nome diz, deve ser andarilho, mutante; deve assumir o risco como um imigrante o faria, deve ser realizador como muitos o foram e deve acreditar no futuro como uma fonte inspiradora capaz de mover as transformações humanas e sociais.

Com um plano de apropriação mais ampla da relação com os processos migratórios mun-

<sup>3</sup> Em *Territórios da Migração na Cidade de São Paulo: entre a afirmação e negação da condição migrante*, artigo no prelo de Odair da Cruz Paiva, Professor do Departamento de História da Universidade Federal de São Paulo, pesquisador da NEPO – UNICAMP e do Museu da Imigração – São Paulo.

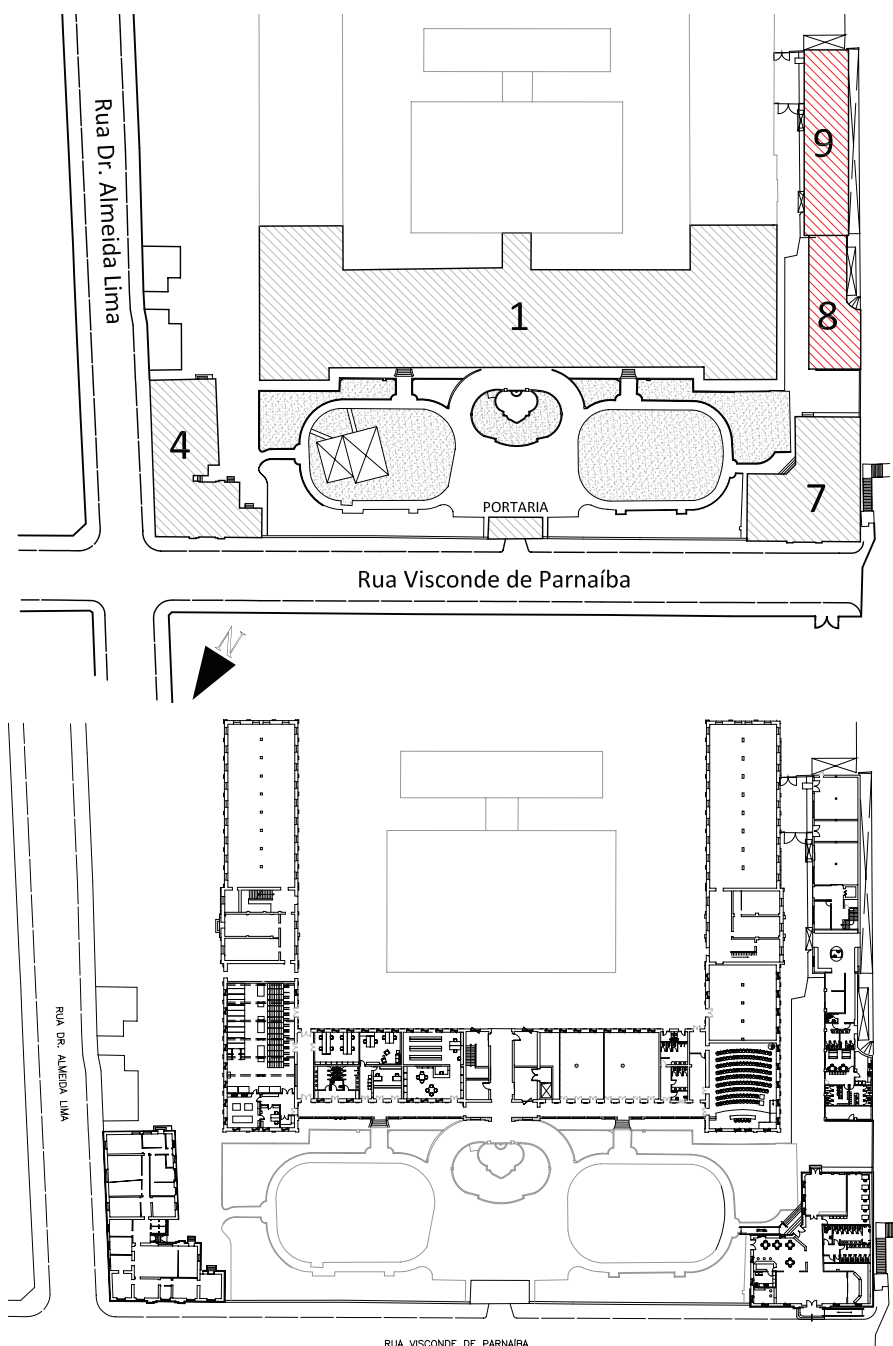
diais, o Museu estará aberto às redes sociais, às mutações, às interações, trocas, sinergias e oportunidades que forem identificadas.

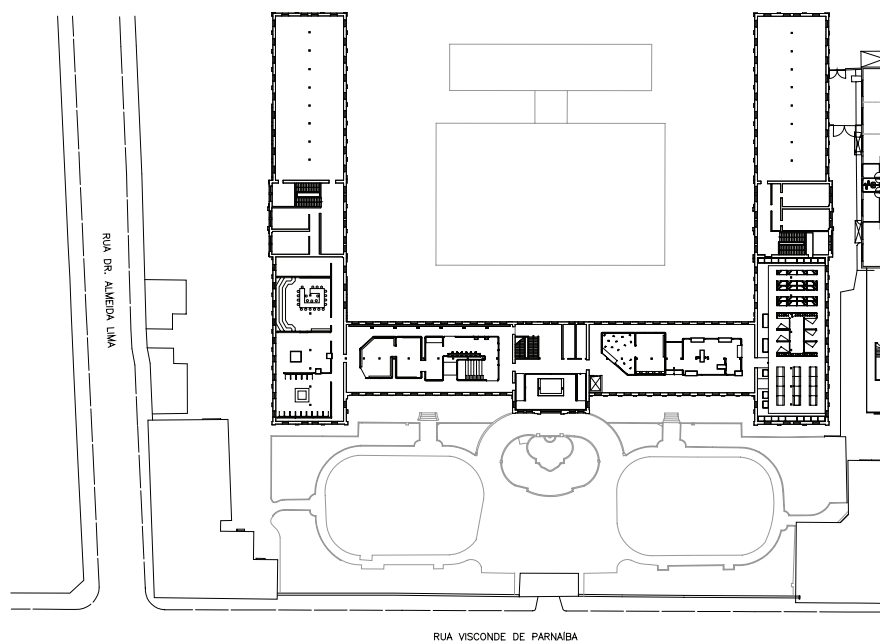
Finalizando, podemos considerar que a força do Museu da Imigração do Estado de São Paulo estará intimamente ligada à sua capacidade de emocionar o público e de dialogar com os mais abrangentes matizes sociais e plataformas que registrem e tentem compreender os fluxos humanos, no diálogo com o tempo.

## II. PROGRAMA MUSEOLÓGICO

O Programa Museológico expõe, com base na missão e nos objetivos da instituição, as principais linhas programáticas e potencialidades de cada área, para que possam futuramente ser desdobradas em ações e projetos.

Para a estruturação do Programa, entende-se que a cadeia operatória da museologia atua sob dois eixos fundamentais: a Comunicação e a Preservação. É pelo equilíbrio e articulação dessas duas engrenagens que a instituição sustenta, desenvolve e propulsiona seus programas e ações.





## 1. PROGRAMA DE COMUNICAÇÃO

### 1.1. Recepção e acolhimento

A área de acolhimento de uma instituição deve proporcionar o afastamento da turbulência externa e permitir ao visitante um primeiro encontro positivo com o universo do Museu. Para esta área previmos painéis informativos que destaquem tanto a missão, os programas, as exposições e atividades em curso, quanto as áreas do Museu – permitindo ao público o reconhecimento do edifício.

Em atenção à vocação inicial do edifício e sua função importante como monumento, propomos a indicação do uso original deste prédio, por meio de um elemento gráfico que estará presente em todas as áreas do Museu, buscando relembrar o uso inicial dos espaços.

Esta área ainda incluirá um ponto de informações sobre as instituições de temáticas correlatas ao Museu, sobre o Sistema Estadual de Museus (SISEM) do Estado de São Paulo, além de oferecer espaço em suporte digital para divulgação de eventos das comunidades imigrantes, cursos e oficinas, bem como um totem interativo ou folheteria para divulgação da programação cultural da cidade.

É sempre recomendável a criação de uma área especial de recepção e acolhimento para grupos de escolares, pois facilita a orientação de fluxo e organização das visitas. O tema foi discutido entre as equipes e foi proposta uma solução para a etapa de implantação da nova expografia e museografia, em conjunto com o projeto complementar de segurança e definição da entrada principal da instituição. Para tanto, estão previstos os seguintes equi-

pamentos:

- Bilheteria para aquisição de ingressos e controle de visitantes – contemplará balcão de informações e display para a distribuição de publicações e folhetos aos visitantes.
- Espaço reservado para o programa de ação educativa com dois ambientes, sala dos educadores com cinco estações de trabalho e armários e sala para recepção de grupos agendados. Na sala prevista para a recepção dos grupos, teremos: guarda-volumes coletivo (6), em formato de baú, que devem ser utilizados pelos grupos que visitarão o Museu. Cada um deles terá capacidade para guardar o material de um grupo de até 45 pessoas. O formato deste mobiliário simulará os antigos baús, que compõem o acervo do Museu. A sala ainda possibilitará uma primeira conversa com o grupo, pois os baús se reverterão em bancos.
- Mobiliário de descanso.
- Corredor de sanitários feminino, masculino e para deficientes físicos, que atenderá tanto o visitante espontâneo como o escolar.
- Acesso ao café/restaurante e loja (serão tratados em item específico).

Outros serviços diversos, tais como telefone público, caixa de correio, desejáveis também para esta área, podem ser incorporados.

## 1.2. Programa de exposições

### 1.2.1. Exposição de longa duração

*...o fio condutor (de uma exposição) é sua dimensão crítica. 'Crítica' no sentido etimológico, que implica competência de distinguir, filtrar, separar, portanto, possibilidade de opção, escolha. Se o museu tem responsabilidade na transformação da sociedade (a exposição, para tanto, é recurso poderoso), isto se fará não com procedimentos de exclusão elitista, muito menos de adesão ou catequese (clandestina ou explícita), mas na medida em que ele contribuir para capacitar nas escolhas todos aqueles com quem puder se envolver.*

(MENESES, Ulpiano Toledo Bezerra de. *A Exposição museológica: reflexões sobre pontos críticos na prática contemporânea*. In: Ciências em Museus. Belém, 1992, p.117.)

A missão institucional e os objetivos do Museu devem ser explicitados para o público por meio de suas exposições, em especial da exposição de longa duração. É por meio dela que se dá o principal vínculo do público com a instituição. Da exposição de longa duração irradiam os principais materiais de extroversão e educação.

A elaboração deste documento teve como ponto de partida as reuniões para discussão e definição do conceito gerador da exposição, seus eixos de sentido e interlocuções com a

instituição. Para isso, a Expomus utilizou a metodologia, baseada em pesquisas da cientista Kathleen McLean, que busca a sistematização das informações geradas pelos grupos interdisciplinares envolvidos nas diversas etapas do trabalho de idealização e concepção de exposições e das ações de comunicação dentro de instituições museológicas.

O grupo curatorial, composto por profissionais da Secretaria da Cultura, da equipe técnica do Memorial do Imigrante e da Expomus trabalhou para a edificação dos pilares fundadores da exposição. Também participaram das reuniões o arquiteto responsável pela museografia/expografia, o designer gráfico e o projetista de multimídias, o que tornou o projeto mais coeso. Além desta equipe, foram somados ao projeto dois consultores especialistas: o Prof. Dr. Eduardo Góes Neves, arqueólogo, especialista em arqueologia amazônica e primeiras ocupações do Brasil e o Prof. Dr. José Guilherme Magnani, coordenador do Núcleo de Antropologia Urbana da USP.

O projeto da exposição contou com a participação de um grupo de pesquisadores, que trabalhou integrado ao grupo curatorial, com a sistematização dos dados, pesquisa nos acervos e redação dos textos expositivos.

As reuniões ocorreram em grandes e pequenos fóruns, procurando atender aos prazos bastante reduzidos.

Desde as primeiras conversas, surgiu a ideia de que o tema “migração” deveria ser atualizado pela instituição, ou seja, a história da migração humana não deveria ser encarada como uma questão relacionada apenas ou exclusivamente ao passado. É importante, contudo, destacar a conexão que o visitante faz entre as migrações e sua própria história – na medida em que muitos são descendentes de migrantes e imigrantes – porém sem sedimentar o tema no passado. Constatou-se a necessidade de a exposição dialogar com sua contemporaneidade, de maneira a refletir sobre as representações que temos do processo migratório para a cidade e o Estado de São Paulo, bem como sobre sua importância na constituição da identidade nacional brasileira.

Outro ponto de fundamental relevância é traçar o histórico da Hospedaria de Imigrantes de São Paulo, núcleo gerador do atual Museu da Imigração.

A história da Hospedaria de Imigrantes é um elemento de centralidade no discurso expositivo, que deve abordar a organização interna e cotidiana, bem como dar conta das relações institucionais delineadas ao longo dos seus anos de existência.

Também ficou estabelecido pelo grupo curatorial o *protagonismo do acervo* do Museu, o que não exclui os recursos midiáticos, interativos e virtuais, que deverão fundamentalmente dialogar com o acervo.

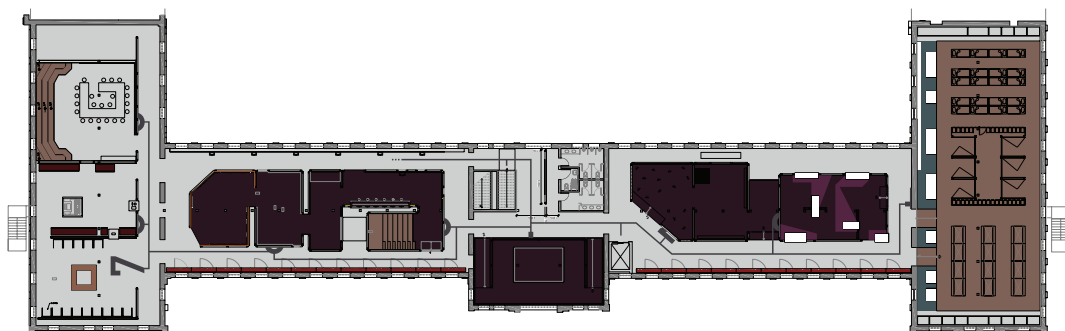
Em conjunto com o projeto arquitetônico, ficou acordado que a exposição não deveria anular a arquitetura do edifício principal do Museu, pois partimos do entendimento de que a história da

Hospedaria e sua edificação constituem um lugar de memória no imaginário paulista e que, portanto, deveria ser trabalhado na exposição. Daí a opção pela construção de nove módulos independentes e comunicáveis, que conterão os oito módulos expositivos e o espaço educativo.

Esta opção também resolveu o problema de fluxo da exposição, pois a edificação, preservada à sua configuração original, possui entrada única e central, o que impossibilita um percurso contínuo para a exposição. Com a criação de um ambiente independente do edifício, a circulação se dará por meio dos corredores laterais e o visitante poderá fazer o percurso da exposição sem repetições.

No detalhamento do roteiro da exposição, em documento separado, estarão explicitados os oito módulos, o espaço educativo e todo o detalhamento da espacialização da exposição com os devidos conteúdos.

Na entrada da exposição de longa duração, no térreo do Prédio 1, haverá ainda um novo espaço de recepção com balcão para encaminhamento de público, bem como um guarda-volume com autosserviço, para o público espontâneo.



*Planta da exposição*

### 1.2.2. Exposições temporárias e itinerantes

As exposições temporárias constituem um importante recurso de comunicação do Museu. Podem tratar de temas correlatos à exposição de longa duração ou complementar aspectos já apresentados, explorar novos temas e pesquisas ou abrigar exposições de outras instituições parceiras.

Essas exposições poderão ser elaboradas pela equipe do próprio Museu, equipes mistas ou convênios, ou ainda poderão ser propostas por curadores, pesquisadores ou produtores externos: das comunidades imigrantes ou pesquisadores da comunidade científica, por exemplo.

Deve-se consolidar e formalizar os programas de cooperação com outras instituições que abrigam referências patrimoniais – arquivos, bibliotecas – ou que desenvolvem pesquisa – organizações não-governamentais, institutos, universidades, associações e fundações –,



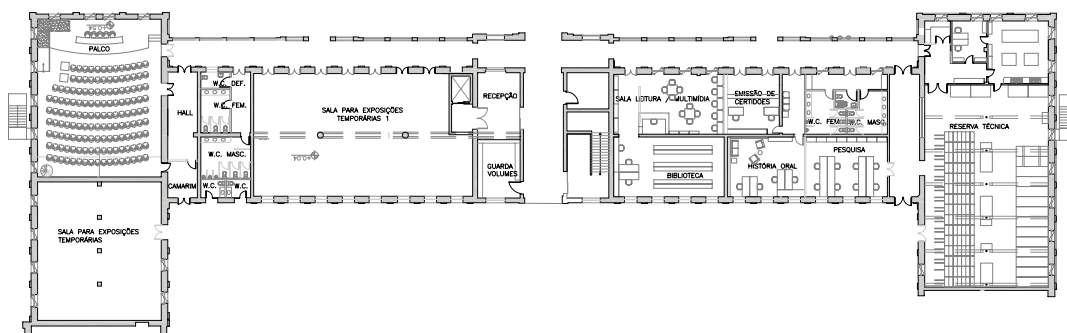
bem como com museus de temática correlata ou complementar.

Estas iniciativas já estão em curso. O Memorial do Imigrante liderou a constituição da Rede Brasileira de Instituições e Organizações de Estudos de Imigração, que se iniciou com 11 entidades, relacionadas num sistema simples de banco de dados e busca, o que visa a facilitar a pesquisa sobre o tema e a localização de acervos existentes em território nacional. A rede possuía um link no antigo site da instituição, o que poderá ser retomado.

Ainda se destaca o protagonismo da instituição, como membro fundador da Rede Internacional de Museus de Migração, promovida pela UNESCO e pela OIM- International Organization for Migration, criada em 2006. Estas redes podem alimentar o programa de exposições, bem como fomentar fóruns, seminários e pesquisas para o Museu.

A pesquisa de fundamentação da exposição de longa duração sugere uma longa série de temáticas que poderiam ser exploradas em itinerâncias e em exposições temporárias.

A nova configuração do edifício, após a requalificação, abrigará dois espaços devidamente capacitados a receber exposições temporárias, um com 259 m<sup>2</sup> e outro com 169,50 m<sup>2</sup>, com climatização e condições físicas adequadas às exigências internacionais, o que também facilitará novos convênios e parcerias.



*Edifício principal – planta do térreo*

A média de duração de uma exposição temporária deve ser de três meses, pois cria uma movimentação para a instituição, mas também possibilita o desenvolvimento de programas e pesquisas geradas pela exposição, além de facilitar a mobilização do público escolar e a divulgação. Numa cidade do porte de São Paulo, exposições de curta duração (menos de dois meses) hoje já representam falta de otimização de recursos e impossibilitam o público, muitas vezes, de se organizar em tempo para a visita.

A nova exposição de longa duração objetivou quebrar com a estruturação das exposições por nacionalidade, em nome de contar as histórias da imigração e do edifício e ampliar o espaço para a discussão com o presente. Há, porém, uma crescente demanda das comunidades imigrantes e migrantes por espaço e colaboração dentro da instituição, o que deve ser atendido, em parte, pelas exposições temporárias, para as quais é preciso critério.

Como já enunciado, haverá duas salas para tais mostras, a maior podendo ser ainda dividida, quando necessário, por meio de divisórias móveis; em nossa proposta inicial, pensamos em seu uso em dimensão integral, para garantir que a instituição esteja sempre apresentando uma exposição de médio porte bastante representativa.

A sala maior pode ser utilizada para abrigar exposições ligas às nacionalidades, limitadas a duas por ano, para que uma terceira exposição da programação anual possa ser sobre temática de interesse da instituição; ou, ainda, há a possibilidade de o Museu ter a liberdade de ocupar as duas salas com uma única exposição, de maior interesse e repercussão.

Recomenda-se que as exposições sejam desenvolvidas em parceria com o Centro de Pesquisa e Referência e envolvam as equipes do Museu. É pertinente, pela natureza da instituição, o desenvolvimento de um cronograma anual que considere os anos comemorativos das nacionalidades que passaram pela Hospedaria, sem com isso negligenciar as novas levadas migratórias, ou seja, coreanos, peruanos, angolanos, entre outros, que hoje possuem representativa nacional, tanto numérica como cultural.

A sala menor poderia ser palco de ensaios curatoriais que privilegiassem a aproximação do Museu com as linhas de pesquisas das universidades. Esse diálogo com núcleos das universidades, ONGs e instituições de pesquisas temáticas qualifica o discurso do Museu e reflete sobre os processos migratórios de forma mais sistemática e atualizada.

Ou ainda pode-se pensar a imigração do ponto de vista da *confluência* e da *hibridação*, tema levantado pelo grupo curatorial, para trabalhar aspectos da cultura que são comuns a várias culturas, mas exercem funções ou usos distintos em cada uma delas. A confluência poderia ser abordada através de culinária, festas, língua, etc.

A exposição de longa duração em sua montagem traz a proposta de um módulo temporário que trata de um bairro da cidade de São Paulo – eleito o Bom Retiro para iniciar –, mas que deve ser alimentada e ressignificada pela pesquisa com o mesmo exercício para outros bairros. Os resultados destas pesquisas podem tanto configurar novas exposições para o Museu como gerar módulos itinerantes nos bairros, nas escolas e universidades, nos metrô, etc.

Um tema também tangenciado pelo exercício de investigação dos bairros é a questão dos *territórios migrantes*, nomeada pelo Prof. Dr. Odair Paiva, com a qual ele reflete sobre a formação migrante dos bairros e as transformações que estas diferentes ocupações produzem – umas bem visíveis, outras silenciosas. Essa pesquisa também poderia ser transmutada para uma exposição temporária, ou emprestar sentido a várias delas, focadas em cada um dos territórios migrantes.

Para a reabertura do Museu, propomos uma exposição temporária para a sala menor sobre a Festa dos Imigrantes, contando esta trajetória, com vídeos, fotos e depoimentos de como a parceria e a colaboração entre comunidade, instituição, poder público e imprensa promo-

vem um espaço acessível, afetuoso e condensador das tradições e da dinâmica cultural da imigração em São Paulo.

O Museu deve ampliar o seu repertório de exposições temporárias, o que pode integrar também a divulgação das exposições da comunidade, privilegiando a apresentação de grupos folclóricos de dança e artesanato, usando para isso o SISEM e demais parcerias da Secretaria da Cultura e do próprio Museu.

O Museu da Imigração do Estado de São Paulo pode desenvolver ainda uma edição itinerante da exposição de longa duração, que poderia itinerar por um ano por todo o interior do Estado, contando a história da permanência da migração na história da humanidade e repertoriando a importância da Hospedaria e do Serviço de Imigração para o povoamento do Estado, buscando promover a reflexão de como esse fenômeno marcou a vida e a cultura dessas regiões.

Essa itinerância certamente alimentará a Pesquisa com novas demandas e mobilizará municípios com outras solicitações de mostras e doação de acervos.

Outro tema de interesse e repercussão nacional é a *migração interna* que, apesar da expressiva quantidade de informações fornecidas pela documentação da antiga Hospedaria, foi pouco estudada e representada no Museu, o que pode gerar exposições temporárias itinerantes, além de abastecer linhas de pesquisa.

### **Espaços físicos complementares**

Prevê-se a instalação de um depósito no Prédio 8, que deve ser utilizado como *sala de expografia* e *depósito* para produção das exposições a serem montadas e desmontadas, assim como para a armazenagem temporária de materiais expográficos.

Esta sala destina-se também à estocagem de materiais diversos. É recomendável que possam ser guardados nesse espaço equipamentos e materiais de manutenção do espaço físico e da montagem da exposição.

O complexo das exposições temporárias contará ainda com um auditório multiuso, devidamente capacitado para receber espetáculos, bem como seminários e outros eventos correlatos às temáticas do Museu.

### 1.3. Programa educativo

A ação educativa deve permear todas as ações do Museu. No entanto, o Museu não é uma instituição escolar e, portanto, é desaconselhável que vincule suas atividades aos conteúdos curriculares como complemento ou ilustração, do mesmo modo que não deve objetivar suprir as lacunas de formação dos alunos.

Esse fato não diminui sua potência ou função educativa; muito pelo contrário, as instituições museológicas desempenham papel fundamental para a articulação de temas transversais em sala de aula, bem como podem ampliar e estreitar caminhos para a compreensão dos conteúdos trabalhados dentro e fora das suas visitas.

As visitas a museus criam repertórios para os alunos sobre as várias nuances do legado humano. Fazem isso por meio da mediação com novas formas de entendimento do mundo, seja pela arte, pela ciência ou pela história. Expõem aos visitantes realidades distantes, sensibilizam para a preservação patrimonial e são importante elo para a constituição da autoestima, memória e identidade.

O público escolar constitui hoje a grande maioria do público visitante dos museus brasileiros, por isso há algumas décadas discute-se a necessidade de equilibrar a relação museu-escola como forma de contribuir para a democratização do acesso aos espaços culturais e ampliar o seu papel para além da saída da escola.

É desejável, portanto, que o Museu estabeleça parcerias com as Secretarias de Educação (do Estado e do Município), para garantir continuidade no atendimento dos grupos escolares, criando um circuito permanente de visitação e que garanta o retorno frequente dos grupos ao longo de sua formação escolar, e não apenas em visitas eventuais.

O trabalho junto às escolas, porém, não deve limitar o trabalho da ação educativa, pois o Museu deve ter a mesma preocupação em atender com qualidade os mais variados públicos: pesquisadores, públicos especiais, terceira idade, famílias, turistas, comunidades próximas à instituição, entre outros. Para isso, sua equipe deve estar bem formada e a relação com os outros núcleos estabelecida, pois os programas envolverão sempre outros profissionais do Museu, de várias áreas.

O Programa Educativo deve trabalhar com a premissa da inclusão universal e, para atingir esse propósito, contempla a diversidade de público e propõe atendimentos diferenciados para cada tipologia.

Com isso, não se pretende que o Museu atue como uma instituição assistencialista, mas sim que, por meio de programas de ação educativa especializada, possa contribuir para a igualdade social, para o fortalecimento dos indivíduos e grupos em desvantagem e para o incremento de processos democráticos dentro da sociedade.

Segundo a Declaração de Salamanca, da UNESCO, considerada mundialmente um dos mais importantes documentos que visam à inclusão social, juntamente com a Convenção sobre os Direitos da Criança (1988) e a Declaração Mundial sobre Educação para Todos (1990), há um claro direcionamento para a educação inclusiva. Estes documentos têm relação com os movimentos em favor dos direitos humanos e antissegregacionistas do final do século XX. Portanto, devem ser incluídas crianças com deficiência ou superdotadas, crianças da rua ou crianças que trabalham, crianças de populações imigradas ou nômades, crianças de minorias linguísticas, étnicas ou culturais e crianças de áreas ou grupos desfavorecidos ou em risco nas instituições educacionais e, por consequência disto, nos museus.

A ação educativa deve investir em estratégias e ações permanentes para o Museu – o que só é possível se houver a compreensão do Museu, para além de suas funções tradicionais (pesquisar, preservar, comunicar) –, e trabalhar de forma colaborativa, com responsabilidade social, nos processos de acesso à cultura e à cidadania.

### 1.3.1. Histórico da instituição

Desde a sua formação como Museu, em 1998, a ação educativa do Museu da Imigração foi sendo estruturada e o atendimento a grupos escolares e espontâneos realizado. No entanto, avaliamos que isso sempre foi feito de forma tímida para o potencial da instituição e da temática que opera.

A gestão da instituição, sensível à necessidade de incrementar o potencial educativo, contratou em 2009 a consultoria da educadora Zilda Kessel, que, de outubro a dezembro daquele ano, desenvolveu junto à equipe de educadores e estagiários encontros com os quais buscou discutir o papel da ação educativa para a instituição e estruturar o atendimento para a exposição temporária – Imprensa Imigrante. Todo esse material foi avaliado para elaboração do Plano Museológico e poderá ser readaptado para a formação da nova equipe de educadores.

Na formação, a consultora propôs que o grupo trabalhasse com os visitantes a *discussão dirigida*, tipologia de visita que será abordada neste documento também.

A equipe, antes do fechamento, era composta por nove estagiários e um coordenador. Não havia, porém, orientadores de fluxo, o que dificultava o atendimento a grupos espontâneos. Em 2009, a ação educativa atendeu 43 mil alunos em visitas agendadas, o que nos indica a média de 200 a 250/dia.

### 1.3.2. Relação museu-escola

O Museu da Imigração do Estado de São Paulo é um *museu histórico* que, conforme afirma Meneses (1992),

*... deveria ser uma instituição não voltada para os objetos históricos, mas para os problemas históricos. Assim, em última instância, seriam históricos*

*os objetos, de qualquer natureza ou categoria, capazes de permitir a formulação e o encaminhamento de problemas históricos (e por problemas históricos se deveriam entender aquelas propostas de articulação de fenômenos que permitem conhecer a estruturação, o funcionamento e, sobretudo, a mudança de uma sociedade).*

A história da imigração e do deslocamento permeia a vida das crianças desde muito cedo, seja pela história familiar, ou pelo convívio com outras nacionalidades ou, ainda, por meio da ficção.

Por isso, a temática do Museu é muito familiar a todas as faixas etárias, podendo ganhar complexidades e diálogos, de acordo com cada uma delas.

Segundo os Parâmetros Curriculares Nacionais (PCNs), estabelecidos em 2000, um dos temas transversais a ser trabalhado durante os nove anos de ensino básico fundamental é a *pluralidade cultural*, o que deve definir os dois principais objetivos da ação educativa para o público escolar:

- *relacionar a história da imigração com a pluralidade cultural que vivemos;*
- *identificar e reconhecer sinais desta história na sua vida pessoal, na constituição de sua família, seu bairro, sua cidade, seu estado e país.*

Partindo da premissa que o Museu exercitará em todas as ações a pluralidade, a leitura dos PCNs para o ensino de História nos auxilia a estabelecer outros objetivos que dialoguem com as faixas etárias e as necessidades específicas de cada período, o que não deve, no entanto, limitar o acesso ao Museu apenas por intermédio desta disciplina.

De acordo com os PCNs, ao final do primeiro ciclo na escola, espera-se que os alunos sejam capazes de:

- *comparar acontecimentos no tempo, tendo como referência anterioridade, posterioridade e simultaneidade;*
- *reconhecer algumas semelhanças e diferenças sociais, econômicas e culturais, de dimensão cotidiana, existentes no seu grupo de convívio escolar e na sua localidade;*
- *reconhecer algumas permanências e transformações sociais, econômicas e culturais nas vivências cotidianas das famílias, da escola e da coletividade, no tempo, no mesmo espaço de convivência;*
- *caracterizar o modo de vida de uma coletividade indígena, que vive ou viveu*

*na região, distinguindo suas dimensões econômicas, sociais, culturais, artísticas e religiosas;*

*- identificar diferenças culturais entre o modo de vida de sua localidade e o da comunidade indígena estudada; estabelecer relações entre o presente e o passado;*

*- identificar alguns documentos históricos e fontes de informações, discernindo algumas de suas funções.*

O Museu deve, portanto, estabelecer sua comunicação em:

- contextualizar o aluno nas diversas temporalidades tratadas no Museu e nos diferentes atores que participaram destas histórias. A história do deslocamento humano deve ser explorada;

- apresentar, por meio dos depoimentos e objetos-símbolo, a história pessoal (dos que passaram pela Hospedaria e também dos imigrantes contemporâneos), que compõem o acervo do Museu;

- dar entendimento sobre as motivações que impulsionam a migração, nos diferentes períodos históricos tratados na exposição de longa duração e nas temporárias. Abordar os dilemas que são enfrentados pelas crianças, como mudanças de bairro, de escola, etc.

Ainda de acordo com os PCNs, o segundo ciclo do ensino básico fundamental, que compreende do 6º ao 9º ano, tem como eixo temático para o ensino de história, a *história das organizações populacionais*, por meio:

*da procedência geográfica e cultural de suas famílias e as histórias envolvidas nos deslocamentos e nos processos de fixação; dos deslocamentos populacionais para o território brasileiro e seus contextos históricos e das migrações internas regionais e nacionais, hoje e no passado.*

*Espera-se com isso que, ao final do ciclo, os alunos sejam capazes de:*

*- reconhecer algumas relações sociais, econômicas, políticas e culturais que a sua coletividade estabelece ou estabeleceu com outras localidades, no presente e no passado;*

*- identificar as ascendências e descendências das pessoas que pertencem à sua localidade, quanto à nacionalidade, etnia, língua, religião e costumes, contextualizando seus deslocamentos e confrontos culturais e étnicos, em diversos momentos históricos nacionais;*

- *identificar as relações de poder estabelecidas entre a sua localidade e os demais centros políticos, econômicos e culturais, em diferentes tempos;*
- *utilizar diferentes fontes de informação para leituras críticas;*
- *valorizar as ações coletivas que repercutem na melhoria das condições de vida das localidades.*

O segundo ciclo compreende a grande fatia dos alunos que visitam as instituições museológicas. Do ponto de vista educacional, esta é a fase em que os alunos estão aptos a compreender, fazer analogias e propor novas relações para os fatos e problemas apresentados. Além disso, já contam com importante autonomia, o que possibilita com maior facilidade a saída da escola. Considerando, portanto, que este grupo de alunos constitui-se como o principal interlocutor da ação educativa, pode-se propor que possam:

- reconhecer quais etnias e nacionalidades foram recebidas pela Hospedaria;
- conhecer a recepção dos milhões de migrantes nacionais e a repercussão deste deslocamento para a cidade de São Paulo;
- identificar as influências das imigrações nos seus bairros de origem;
- propor projetos em parceria com outras disciplinas: geografia, língua portuguesa, inglês e artes, por exemplo;
- refletir sobre os outros países da América que também receberam imigrantes no início do século XX;
- refletir sobre o porquê de a Hospedaria ter sido preservada;
- relacionar o trabalho da ONG Arsenal da Esperança com o trabalho na antiga Hospedaria.

Para o ensino médio, última etapa da educação básica, destaca-se ainda dos PCNs de história, a política da igualdade:

*inspiradora do ensino de todos os conteúdos curriculares, é, ela mesma, um conteúdo de ensino, sempre que nas ciências, nas artes, nas linguagens em que estiverem presentes os temas dos direitos da pessoa humana, do respeito, da responsabilidade e da solidariedade, e sempre que os significados dos conteúdos curriculares se contextualizarem nas relações pessoais e práticas sociais convocatórias da igualdade.*

Para esta faixa etária, o Museu deve propor programas de ação continuada, nos quais a mesma turma visite as exposições (longa duração e temporárias) durante os três anos de



ensino médio, para com isso explorar a instituição de maneira mais aprofundada, e que ao final deste ciclo possa construir um projeto para a sua escola. Esta integração deve proporcionar o contato com outras áreas da instituição, como História Oral, Centro de Referência, uso da Mídia-teca e acesso colaborativo ao site.

Ainda na educação formal, tem-se o público universitário, que é sempre refratário a programas continuados de educação ligados a instituições museológicas, por isso um desafio de interlocução para este Museu. Esta mediação deve ser fomentada pela articulação com projetos de estágio, acesso a outras áreas da instituição, parceria com o Arsenal, Associação Brasileira do Patrimônio Ferroviário (responsável pelo trajeto da Maria Fumaça, que constitui uma importante vivência na visita ao Museu), além das próprias universidades, em projetos de iniciação científica, horas de estágio na licenciatura, serviço social, entre outros.

Voltando ao texto de Meneses e à sua resposta final para a utilidade de um *museu histórico*, ele conclui:

*A resposta é que a evocação e celebração da memória devem estar obrigatoriamente presentes no museu histórico. Não, porém, como objetivo e, sim, como objeto de conhecimento. Em última análise, uma das principais funções e o melhor potencial de um museu histórico referem-se ao entendimento da construção, usos e reciclagens da memória nacional.*

Esta afirmação orienta que para buscar e fomentar a reflexão nos seus visitantes, principalmente nos jovens, o Museu não precisa abrir mão da sua vocação celebrativa e memorialística, mas deve encorajar-se a ir além.

### 1.3.3. Atendimento pedagógico às exposições – visitas orientadas

As visitas orientadas constituem o principal canal de comunicação da ação educativa com o seu público-alvo. Como estratégia educativa, trabalha-se com a perspectiva de propor novos olhares às exposições e também aos seus acervos. As visitas orientadas possibilitam que o público seja satisfeito em suas necessidades educacionais específicas, na medida em que promovem o contato direto com o educador da instituição, permitindo que os objetivos da ação educacional sejam negociados com o público a partir de seus conhecimentos prévios e expectativas em relação ao que encontrará no Museu. As visitas podem acontecer a partir de estratégias pré-definidas – faixa etária, capacidade cognitiva e perfil dos visitantes.

Grinder e McCoy organizaram três tipos de abordagem, que nos servem como importante referência:

- *Visita-palestra*: o educador, ou um estudioso especialmente convidado, aprofunda um tema ou aspecto relevante da exposição. Em formato de palestra, esse tipo de visita tem baixo nível interacional, e será voltada prioritariamente para o público adulto es-

pecificamente interessado no tema abordado.

- *Discussão dirigida*: o educador, por meio de questionamentos, conduz o grupo de visitantes de forma a proporcionar o entendimento de aspectos comunicacionais pertinentes àquela exposição. Para isso, estrutura um roteiro lógico com objetivos educacionais definidos e adaptados para cada grupo. O nível de interação é bastante alto nesse tipo de mediação, já que se pressupõe intensa participação do público.
- *Visita-descoberta*: o educador propõe uma atividade ou jogo que, realizado dentro do espaço expositivo, propicia a descoberta de novos elementos e olhares para um determinado conteúdo exposto. É a mais interativa das modalidades de visita, pois depende quase que exclusivamente do visitante para ser realizada. É uma estratégia voltada à recepção de grupos mistos, com idades e graus de instrução distintos, como é o caso das famílias.

As abordagens possíveis de visitas orientadas não podem ser excludentes e devem ser combinadas conforme os interesses do grupo visitante. É importante que a equipe do Museu domine estas estratégias e possa optar a cada ocasião pela mais adequada.

Para o dia a dia com os grupos escolares agendados, deve-se optar pela visita *discussão dirigida* e um cardápio de roteiros com a opção de visitas à exposição de longa duração e às temporárias. As visitas organizadas para grupos familiares, terceira idade e turistas devem mesclar *visita-palestra e descoberta*.

É importante que o tempo de permanência do visitante com mediação não extrapole o tempo total de duas horas, pois a concentração do público (independentemente da faixa etária), a obtenção de conhecimento e o prazer ficam comprometidos.

#### 1.3.4. Passeio de trem

O imaginário coletivo acerca da imigração e da ocupação do Estado de São Paulo trabalha sempre com duas imagens – a viagem de navio e a manta ferroviária.

O Museu da Imigração contava com um passeio de trem, de quintas-feiras a domingos e nos feriados, o que proporcionava ao visitante uma experiência de “viagem no tempo”. O passeio podia ser agendado tanto por grupos escolares como por visitantes espontâneos.

A antiga estação ferroviária ambientada aciona junto aos visitantes memórias afetivas da imigração e pode ser uma importante estratégia didática para o entendimento das diferentes épocas de que o Museu trata em sua exposição de longa duração. A operação do trem e gestão da Estação Ferroviária é responsabilidade da ABPF, Associação Brasileira de Preservação Ferroviária – Regional São Paulo, e precisa ser reorientada de acordo com a nova vinculação do Museu, mas acreditamos que o serviço deve permanecer.

### 1.3.5. Formação dos educadores

Os educadores constituem o principal elo entre o Museu e o público, por isso pensar numa formação sólida e continuada é importante e salutar para a credibilidade da instituição.

A equipe deve ser interdisciplinar, pois isso facilitará a troca e a reflexão sobre a mediação dos conteúdos da exposição, prática necessária para o bom andamento das atividades educativas.

A formação pode oferecer vivências em outras instituições do SISEM, o que possibilitará um melhor entendimento da vinculação institucional e o conhecimento de outras equipes e metodologias de trabalho. No âmbito da exposição de longa duração, a equipe de educadores deve acompanhar o período de montagem da exposição e ter a oportunidade de ouvir dos profissionais envolvidos na sua concepção e implantação os objetivos de comunicação da mostra, bem como ter acesso a todos os textos e materiais produzidos.

Em todas as exposições temporárias recebidas ou concebidas pela instituição, a equipe educativa deve participar desde a concepção até a formatação final da mostra, pois o envolvimento em todas as etapas é fundamental para a vinculação e segurança com os conteúdos e percursos da exposição.

Os educadores devem ter conhecimento também das outras áreas do Museu e programas, podendo inclusive ser parceiros da gestão para a integração entre as áreas e acolhimento de novos funcionários. O conhecimento e vínculo da instituição como um todo é fundamental para que o papel transversal da educação se efetive no Museu.

### 1.3.6. Formação para professores

Atrelado ao programa de atendimento escolar, o Museu deverá desenvolver encontros e cursos para os professores e educadores, com a finalidade de envolvê-los no processo de preparação da visita. Este vínculo é muito importante para o bom andamento das ações e para isso é relevante que o agendamento seja criterioso e atento, com regras pré-estabelecidas e responsabilidades partilhadas.

Esta ação poderia também acontecer de maneira integrada a outros museus da Secretaria da Cultura e utilizando os programas do SISEM, compondo para o professor um cenário mais atraente, pois ele, num único curso, poderia se habilitar e conhecer os serviços e programas de visitas de várias instituições; para os Museus, seria uma importante oportunidade de intercâmbio de conhecimento e otimização de recursos.

A partir da re-estruturação do Museu e da implantação do Programa de Exposições, o curso para os professores deve se desdobrar em diversos módulos, a fim de contemplar as diversas temáticas da exposição de longa duração e das exposições temporárias. A ação educativa deve integrar, desde a conceituação, tanto as exposições temporárias desenvolvidas

como as acolhidas pela instituição, pois esta participação implica no bom desenvolvimento de linguagem de apoio para os diversos públicos, materiais pedagógicos, jogos e ações de mobilização específicas.

### **1.3.7. Atendimento a famílias**

O Museu do Imigrante tem potencial para ampliar o seu atendimento junto ao público espontâneo, especialmente no que diz respeito a famílias e turistas.

O primeiro grupo tem um interesse efetivo por temas históricos, haja visto o público expressivo que o Museu Paulista recebe. Além disso, o jardim do Museu, bem como a nova estrutura de restaurante e lojas serão muito atraentes para um programa de lazer cultural.

O programa para famílias deveria ocorrer em data fixa, como todo segundo domingo ou sábado de cada mês, com duas horas de duração, e teria atividades especialmente desenvolvidas para estes grupos, tais como jogos, percurso diferenciado e uma atividade de finalização na área externa. Para esta atividade, o enfoque seria dado para as histórias de vida dos imigrantes e migrantes e o dia a dia na Hospedaria.

### **1.3.8. Público espontâneo**

O público eventual ou que não organizou sua ida ao Museu mediante o ingresso em um grupo é, na maioria das vezes, negligenciado pelas instituições museológicas, muitas preocupadas com os grupos agendados e infanto-juvenis, o que é compreensível pelo seu compromisso expresso com a educação e a formação de novos públicos.

No entanto, o Museu da Imigração ocupa um lugar de afetividade no imaginário paulista, por isso espera-se que com a nova exposição este perfil de público cresça consideravelmente, o que deve encontrar sinergia em programas especialmente desenvolvidos para um atendimento qualificado. Além disso, a exposição terá um aumento significativo de peças e conteúdos interativos e midiáticos, o que necessitará de mediação e estímulo para ser efetivo junto ao público.

Por isso, recomendamos a inserção no quadro de funcionários de orientadores de fluxo, educadores alocados em pontos fixos da exposição que possam interagir com os visitantes e auxiliar no percurso da visita.

O programa educativo, aos finais de semana, também deve disponibilizar horários e educadores para o atendimento a grupos espontâneos que se reúnam na instituição e percorrer com mediação a exposição.

### **1.3.9. Vivências**

Em atenção ao público espontâneo, o Museu deve oferecer um programa de saídas orga-

nizadas aos finais de semana e em meses de férias, com o objetivo de visitar lugares de memória da imigração na cidade: de monumentos públicos, restaurantes, teatros, cinemas e feiras públicas a outros centros.

Esses roteiros poderiam ser estabelecidos por nacionalidade e também por regiões. O roteiro direcionado para um bairro teria o olhar voltado para as sobreposições e convivências das nacionalidades e da migração interna na constituição dos espaços públicos da cidade; para o que se pode reconhecer de cada um destes períodos de ocupação; e as marcas que foram quase apagadas pelas novas imigrações. O bairro do Bom Retiro, que estará presente na exposição, poderia ser o bairro-piloto para essa ação.

Essas atividades poderiam ocorrer uma vez por mês.

### **1.3.10. Seminários e palestras**

Além da preocupação com a formação e vinculação com os professores, a ação educativa deve oferecer, para o público em geral, periodicamente, palestras e seminários temáticos com especialistas da instituição e convidados, a fim de divulgar e ressignificar suas pesquisas e programas.

A atualidade da exposição e o desafio de trabalhar com imigração contemporânea deve mobilizar o Museu a promover e sediar seminários e fóruns sobre a temática.

### **1.3.11. Materiais educativos**

*“olhar, questionar e comparar...”*

Os materiais educativos dos museus devem, em primeiro lugar, ter a preocupação de re-orientar o professor sobre as temáticas tratadas na exposição de longa duração, para que antes e após a visita ele possa desenvolver projetos que nela integrem os conteúdos curriculares.

Esses materiais educativos têm por objetivo facilitar e ampliar a relação dos professores e educadores com a exposição de longa duração do Museu, embora não devam servir como “receituário”; devem, sim, apresentar um conjunto de sugestões que permitam reconhecer a importância da materialidade dos acervos e do discurso museológico no processo de aprendizagem, sugerindo sempre transversalidades entre a questão da pluralidade cultural e a formação das identidades culturais.

A coerência entre os objetivos aos quais os materiais educativos se propõem e as atividades sugeridas, a seriedade dos textos científicos (que podem ser redigidos por pesquisadores do próprio Museu ou por pesquisadores convidados), e a boa qualidade gráfica do material devem estar em consonância com o desenho da instituição, bem como com sua identidade visual.

### 1.3.11.1. Caderno para o professor

O caderno constitui-se em material educativo que deve ser entregue para o professor que visita a instituição e também serve como material de apoio para a formação e trabalho em sala de aula, antes e depois da visita.

Deve ter uma linguagem clara e objetiva, com o intuito de apresentar ao professor uma possibilidade de relacionar os conteúdos da escola e do Museu, a partir do eixo da pluralidade cultural. Além disso, deve estimular o professor a criar, baseado na sua experiência, outras relações com os acervos e outras apropriações do conteúdo. Não pode prescindir de:

- informações sobre o Museu e sua natureza como instituição que pesquisa, preserva e comunica os testemunhos de diversas sociedades humanas;
- texto científico sobre o deslocamento humano em diferentes momentos da história da humanidade e indicação das principais rotas;
- textos e proposições de atividades relativos aos conteúdos específicos das temáticas estudadas;
- pranchas com fotos ampliadas de objetos museológicos, iconografia e documentação do acervo exposto, bem como trechos de depoimentos de história oral, para que em sala de aula o professor possa explorar as potencialidades da instituição (antes e depois da visita).

Esse material deve ser lançado em conjunto com a reabertura da instituição e, a partir daí, todas as exposições devem ter material educativo específico, desenvolvido e lançado em conjunto com as mostras.

Em paralelo a essas publicações, a ação educativa deve desenvolver materiais paradidáticos que abordem e ampliem as temáticas da exposição, trabalhando em parceria com os núcleos de pesquisa e acervo.

### 1.3.11.2. Caderno do aluno

É importante para a relação mais próxima do Museu com o público infanto-juvenil a existência de um caderno direcionado ao próprio aluno, no qual ele se torna autor do conteúdo que personaliza como algo seu.

O formato deste material deve ser bastante mutável, podendo se transmutar em jogos, almanaques, mapas, de maneira a conduzir e suscitar no aluno uma experiência pessoal e criativa, que ao mesmo tempo o faça organizar as ideias centrais contidas na exposição visitada e que nele provoque a vontade de retornar.

O material pode ter variações dentro do site, bem como nas linguagens de apoio na exposição e no espaço do Educativo.

### **1.3.11.3. Jogo de tabuleiro – a aventura do deslocamento**

Um grande jogo de tabuleiro pode ser desenvolvido e experienciado pelo visitante no espaço educativo. Esse jogo discorreria sobre as aventuras da imigração ao longo do tempo, as cartas dariam pistas sobre as motivações, perfil de viajantes e aspirações na partida e na chegada. O objetivo do jogo seria mostrar como a imigração contribuiu para a diversidade cultural e quais os aspectos que são perceptíveis ainda hoje. Esta atividade colocaria os jovens em discussão sobre o que mudou no mundo desde os primeiros imigrantes que passaram pela Hospedaria até os dias de hoje.

O jogo proporcionaria ainda um estudo sobre a sociabilidade, por meio das redes que eram estabelecidas, usando para isso o fundo documental do acervo que trata das cartas de chamada, que trazem as comunicações entre as famílias, dando garantias para o recebimento dos familiares na América, e traçando um paralelo entre as redes sociais virtuais de hoje, nas quais ainda é necessário um convite para franquear o ingresso.

### **1.3.11.4. Folder/Passaporte**

Para ingresso dos visitantes ao Museu, propomos a criação de um passaporte que contenha um mapa da instituição, que contemple a área total do complexo da antiga hospedaria e localize o visitante sobre quais serviços e programas podem ser acessados na visita.

O folder deve ter o formato de um passaporte – o visitante deve ser incentivado a preservar este material após a saída do Museu e trazê-lo de volta a cada nova visita, quando ganharia novos carimbos, como num passaporte. No caso das exposições temporárias ou eventos, deve ser confeccionado um selo especial que dialogue com a identidade visual do evento ou exposição.

Esse tipo de material cria empatia entre o público e a exposição, além de trabalhar de forma sensível com a temática do Museu, que imprime, necessariamente, nos seus visitantes, uma relação afetiva com a instituição. Para a confecção deve-se escolher no acervo um passaporte masculino, um feminino e um infantil/jovem para que a documentação original da instituição estampe a frente do folder e direcione a posterior entrega aos visitantes, de acordo com o gênero e a faixa etária do visitante.

### **1.3.11.5. Periódico da ação educativa**

A imprensa imigrante marca uma expressiva forma de comunicação das comunidades imigrantes desde os primeiros anos da Hospedaria, ainda no século XIX. O próprio acervo do Museu conta com uma expressiva parcela de jornais e periódicos contemporâneos de imigrantes e bairros, que veiculam matérias e notícias segmentadas por nacionalidade e regiões da cidade.

Essa temática, que inclusive já foi pauta de uma exposição temporária na instituição, foi apenas tangenciada pela nova proposta de exposição de longa duração, mas não aprofundada, o que abre espaço para a ação educativa e para o programa de pesquisa. Com base na importância desta questão, propomos a circulação de um jornal em formato tablóide com as principais notícias da ação educativa, eventos, programas e serviços do Museu. A periodização desta publicação deve ser trimestral e a cada edição deve contar a história de um dos periódicos do acervo e trazer a reprodução de capa.

Esta iniciativa deve contar com parcerias para distribuição em escolas, metrô, universidades e outras instituições culturais, bem como contar com versão digital para download no site.

### **1.3.12. Oficinas interdisciplinares (Prédio 9)**

As demandas das comunidades de imigrantes, bem como o antigo anseio da instituição de promover sistematicamente oficinas e formação profissionalizante para a comunidade merecem atenção.

A região em torno da instituição é uma área de risco, que necessita de intervenção e mudanças sensíveis para que o projeto de requalificação do Museu se efetive, o que já vêm sendo discutido há algum tempo, pois há o problema recorrente das enchentes e da criminalidade, esta agravada com o fechamento do Museu.

No entanto, esta situação de vulnerabilidade também nos coloca o enorme desafio do Museu como agente de transformação social e urbana, fenômeno bastante discutido ao longo do século XX nas grandes cidades do mundo, que tem como emblema máximo o Guggenheim de Bilbao, Espanha.

O intuito deste Plano é fomentar o uso destes novos espaços multiuso para cursos profissionalizantes, que mobilizem para isso as áreas de conhecimento do Museu (conservação, catalogação, ação educativa) e pensem a inserção profissional destas populações marginalizadas, além de também atender às comunidades, tradicionalmente vinculadas ao Museu, para cursos de artesanato, línguas, danças, etc.

Os resultados do diagnóstico em desenvolvimento com o Núcleo de Antropologia Urbana da USP também nos trarão importantes pistas das necessidades da região.

Ao mesmo tempo, a proximidade com o Arsenal da Esperança nos possibilita uma metalinguagem sobre o uso original deste complexo de edifícios, o que deve ser explorado de forma sistemática, tanto em projetos conjuntos como em parcerias para o desenvolvimento destas oficinas.

O fechamento da instituição e o projeto de restauro, que visa a unificar as fachadas de todo o antigo complexo da Hospedaria de Imigrantes, estreitou os laços entre o Museu e a ONG, que deve agora ser integrada pela gestão atual às novas atividades do Museu, dando-se



continuidade às conquistas já empreendidas.

Para o desenvolvimento das oficinas, contamos com espaços independentes e capacitados no Prédio 9, com área total de 140 m<sup>2</sup> e possibilidade de divisórias.

### 1.3.13. Ação educativa em números

O Memorial do Imigrante recebeu 85 mil visitantes em 2009 e 95 mil em 2008, sendo que quase 50% trazidos pelo programa educativo, ou seja, em atendimento escolar ou a grupos organizados.

O horário de funcionamento praticado era das 10h às 17h, de terça-feira a domingo, porém avalia-se a necessidade de um horário ampliado para alguns dias da semana, conforme já ocorre nos demais museus do governo do Estado. Para isso, entende-se necessária a devida atenção ao programa de segurança. Ainda recomenda-se o início do atendimento a grupos escolares às 9h00, o que ampliaria a possibilidade de atendimento e facilitaria o acesso às escolas.

Considerando os públicos dos demais museus do Estado – Museu da Língua Portuguesa, Museu do Futebol, Museu Afro Brasil e Pinacoteca –, acreditamos que o público geral também deve ser ampliado, como consequência de sua reabertura e da nova inserção na mídia que a instituição vem conquistando e, principalmente, do potencial de sua temática. O Museu do Futebol teve, em 2010, um público total de 416.653 visitantes, sendo que 13% passaram por atendimento do programa educativo. O Museu da Língua Portuguesa apresentou média anual de 400 mil visitantes, com o mesmo índice de atendimento em visitas agendadas.

Estabelecemos como meta de atendimento para o primeiro ano de reabertura do Museu um público de 150 mil pessoas, sendo que 13% delas deverão ser atendidas pelo programa educativo. Assim, o foco de divulgação deverá ser o crescimento do público espontâneo, pois o número de visitantes escolares e em grupos organizados que procuram a instituição já é satisfatório.

Com a perspectiva de atingir a meta proposta, propomos a seguinte grade para grupos com atendimento pela equipe do educativo, com capacidade de até 45 visitantes por grupo e dois educadores:

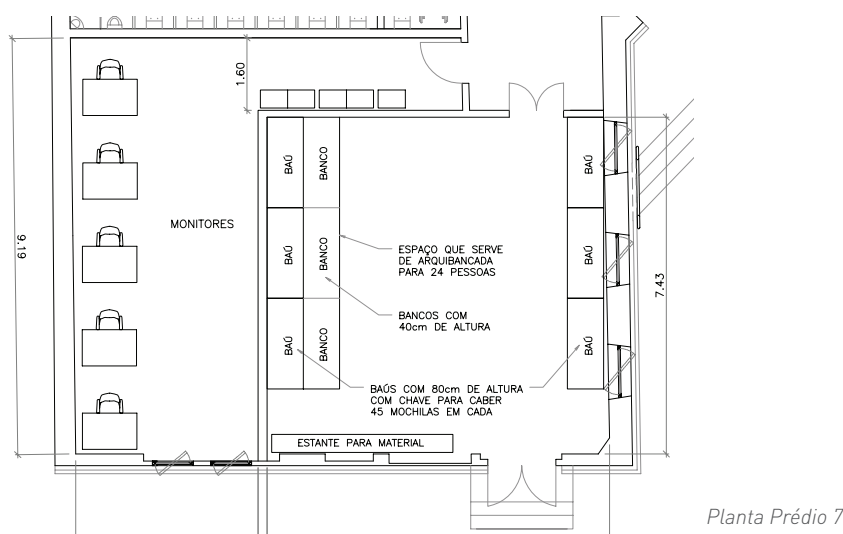
10h00	14h00
10h30	14h30
11h00	15h00
13h30	

Nos mesmos horários, podemos disponibilizar o agendamento de grupos para *visita livre* (que pode ser mediada pelo professor, guia turístico, etc.), mas sem a participação de educadores da instituição. As regras para agendamento nestes horários serão as mesmas: grupos de até 45 alunos, com os mesmos critérios de pagamento, e etc.

Há uma tensão entre os grandes museus da cidade de São Paulo e o turismo cultural, pois muitas vezes os guias contratados pelas escolas são despreparados e fornecem informações equivocadas para os visitantes, o que compromete a credibilidade da instituição, pois sua imagem muitas vezes se confunde com a do educador, propriamente dito. Para isso, o Memorial já desenvolvia um programa de formação, cadastramento e divulgação dos guias cadastrados no site da instituição. Salientamos a importância de ampliação desta iniciativa e inserção do Museu nas discussões do grupo de ação educativa da Secretaria da Cultura, a fim de pensar uma ação em conjunto das instituições museológicas do Estado.

Para a reabertura, a equipe inicial proposta seria: 1 coordenador; 2 supervisores; 1 assistente; 16 educadores e 8 orientadores de fluxo, que poderiam ser estagiários de ensino médio e/ou moradores do Arsenal.

### Espaços físicos

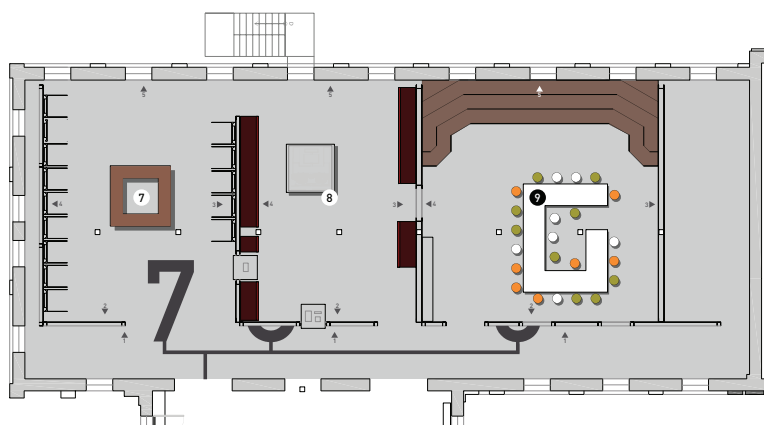


No Prédio 4, destinado às áreas de acolhimento e recepção do público, a ação educativa contará com dois espaços. O primeiro destinado ao atendimento e à recepção de grupos, com mobiliário adequado para a guarda das mochilas e pertences dos alunos e bancos para uma primeira conversa com a turma e acolhimento. O espaço estará apto a receber o material de até seis escolas simultaneamente, pois possuirá baús para a guarda coletiva das mochilas e comportará até 25 visitantes sentados.

Num espaço contíguo a esta sala, prevê-se um espaço destinado à equipe, com estações de trabalho.

### Ação educativa na exposição

Espaço destinado à realização de oficinas pedagógicas e workshops, equipado com uma miniarena para debates. A incorporação deste espaço à área expositiva tem como objetivo estimular a apropriação dos espaços do Museu pelos visitantes jovens, criar estímulos para



Planta do Módulo 9 - Educativo

que estabeleçam vínculos com os conteúdos tratados na mostra, para que reflitam sobre o que viram e, mais do que isso, que exponham suas opiniões e participem ativamente.

Esta proximidade com a exposição e a possibilidade de que o público espontâneo também observe estas atividades, explicita e afirma o papel educativo da instituição.

### 1.4. Ações de mobilização e comunicação

Assim como na educação, as ações de mobilização devem ser transversais às atividades de comunicação do Museu da Imigração, seja por meio da visitação, da festa, da coleta de acervos, do acesso ao site ou da captação de entrevistas. O envolvimento das comunidades fortalece a missão e os propósitos do Museu. No entanto, cada vez mais a mobilização deve deixar de ser pontual para tornar-se uma constância nos programas e ações continuadas da instituição.

O Museu da Imigração do Estado de São Paulo atinge milhares de pessoas, de forma direta e indireta, e tem, portanto, um potencial riquíssimo para envolver seus públicos e com isso disseminar e atualizar seus conteúdos e valores.

As ações de mobilização devem engajar o público e compartilhar suas experiências com os temas do Museu e seus objetivos principais de comunicação: o conceito da pluralidade cultural e da mobilidade humana.

#### Engajar

A grande maioria dos habitantes do Estado de São Paulo tem conexão com as origens do

Museu da Imigração, e por isso poderemos pensar em pontos externos (rodoviárias, aeroportos, embaixadas, universidades) que possam ser catalisadores para o engajamento dos públicos de interesse do Museu, por meio de:

- Terminais de consulta sobre o Museu, seu acervo e serviços.
- Terminais de captação de depoimentos espontâneos (via webcam), que serão moderados pela equipe de comunicação do Museu.
- Formalização e novos acordos com as comunidades de imigrantes que já são parceiras do Museu.
- Estabelecimento de uma parceria com uma rádio para veiculação de um programa diário que contasse pequenos fragmentos da história da imigração, a exemplo do que foi desenvolvido na ocasião das comemorações dos 450 anos da cidade de São Paulo. A seleção destas histórias poderia estar vinculada ao ano comemorativo das nações (Itália, China, México, etc.). Estas histórias também poderiam mesclar dados da imigração contemporânea.
- Coleta de depoimentos e acervos de migrantes, principalmente das regiões Norte e Nordeste do Brasil, que tiveram sua história marcada pela Hospedaria de Imigrantes; e coleta de sobrenomes, para compor o banco de dados do Museu.

### **Compartilhar**

A partir do engajamento dos públicos, deve-se prever ações para compartilhar os resultados alcançados e as experiências mais significativas. Para isso, a internet – por meio do site do Museu e das redes sociais – pode desempenhar um importante papel. Sugere-se:

- Criação de uma rede de relacionamento para o Museu, orientada pelas práticas do Terceiro Setor. Uma das possibilidades para se colocar isso em prática é a rede NING (<http://about.ning.com/>), bastante utilizada no Terceiro Setor e em ambientes corporativos. Esta rede opera de maneira similar às redes sociais mais conhecidas, como o Facebook e o Orkut, no entanto é restrita, mediada e pode seguir a identidade visual da instituição.
- Criação de um Twitter e/ou Facebook para compartilhar preciosidades das histórias coletadas e ampliar o acesso ao site do Museu, aos programas, às exposições temporárias e às demais ações de comunicação do Museu.

### **Campanhas de engajamento**

O Museu poderá preparar campanhas para mobilizar suas comunidades parceiras e fomentar as doações. Há agências de publicidade e marketing que possuem uma cota de inves-

timento pró-bono (sem bonificação) para instituições culturais, o mesmo acontecendo em alguns jornais de grande circulação.

As campanhas devem ser pontuais e ter como objetivo a aquisição de acervos para exposições temporárias, captação de depoimentos e divulgação.

#### **1.4.1. Festa do Imigrante**

A Festa do Imigrante desenvolvida pela instituição há 16 anos, sempre nos meses de maio ou junho, integra em dois dias de festa as várias nacionalidades que passaram pela Hospedaria de Imigrantes.

Barracas reúnem apresentações de música, dança e teatro, além de comidas típicas e artesanato. Nos últimos anos, a Festa reuniu mais de 16 mil visitantes e 25 nacionalidades, números bastante expressivos, que se constituem em uma importante ação de mobilização de novos públicos e em articulação de conhecimentos para o Museu.

Avaliamos que este evento deve integrar uma ação de mobilização perene no Museu, com a formalização de um comitê e ações de comunicação que tirem proveito da Festa para extroversão de conteúdos e ações da instituição.

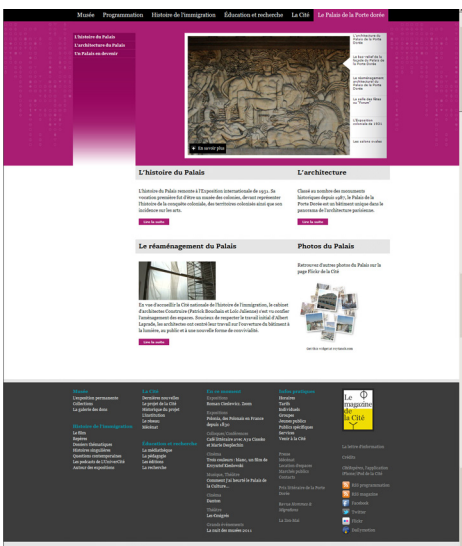
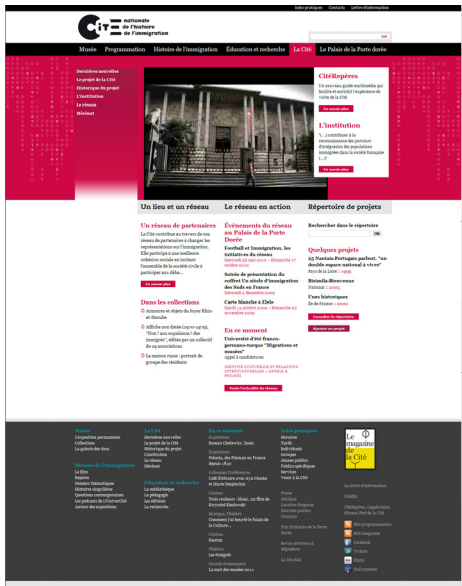
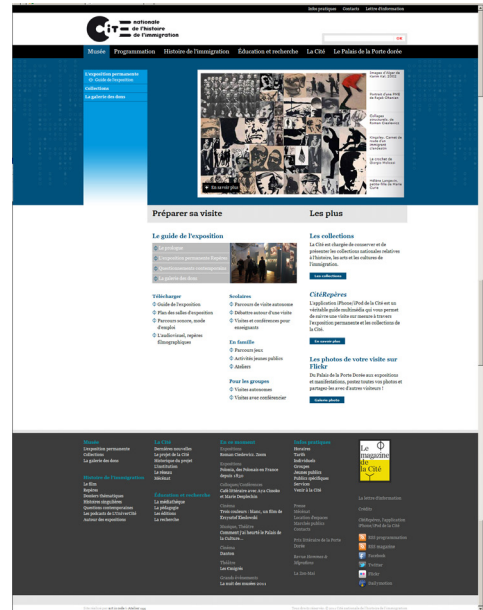
O Museu também pode propor ações na Festa que mostrem a confluência de culturas, como, por exemplo, barracas nas quais imigrantes de várias nacionalidades cozinham juntos e cada qual referencia o elemento cultural trazido de seu país e quais modificações e adaptações sofreu no Brasil.

O registro audiovisual das Festas pode gerar exposições temporárias e itinerantes para a instituição, como já citado neste documento.

A Festa ainda pode ser integrada a outras ações do município, como a Virada Cultural e outras ações de mobilização. Ainda com a revitalização do Museu e seu entorno, podemos avaliar a possibilidade de promover, como já foi sugerido, pela UPPM, unidade gestora do Museu, a produção de uma “Virada Imigrante”, evento similar à Virada Cultural, que poderia integrar as comunidades, metrô, restaurantes e lojas em prol de 24 horas de vivências sobre a imigração na cidade de São Paulo.

#### **1.4.2. Site/Portal**

Um museu contemporâneo deve disponibilizar em plataforma de comunicação tecnológica, informações e um canal aberto de extroversão de seus programas, acervos e pesquisas. Essa interface amplia a ação formal do Museu para o público e possibilita o aprofundamento de pesquisas, a observação mais atenta a objetos, o acesso aos conteúdos expositivos e às linhas de pesquisa.



Site do Museu da Imigração, Paris – França

Recomenda-se que o site parta de uma concepção didática, funcionando também como uma ferramenta educacional diferenciada da instituição. Para isso, indica-se a alimentação de uma home page do Museu, que possa, no decorrer de suas atividades, reciclar e acrescentar conteúdos, podendo prover atividades e jogos lúdicos e interativos para diferentes públicos.

A facilidade do acesso virtual pode ser canal de disponibilização para:

- informar parcerias e sinergias da instituição com organismos, institutos, associações e museus internacionais;
- disponibilizar teses, livros e artigos sobre imigração e assuntos correlatos;
- ampliar a conexão com as redes nacionais e internacionais de imigração;
- facilitar o acesso a informações dos programas e serviços da instituição;
- franquear o agendamento de escolas e grupos;
- fornecer para download gratuito as publicações do Museu.

O site do Memorial do Imigrante, além de abrigar a rede de museus e centros de pesquisa de migração, disponibilizava para o público em bases de dados no sistema MySQL, utilizando a linguagem PHP para a manipulação dos dados, os seguintes materiais:

- Banco de dados com 1.763.667 registros referentes ao acervo de Livros de Registro de Imigrantes, Pós-Segunda Guerra, e parte do acervo das listas de bordo de imigrantes japoneses. O mecanismo de busca era sobrenome, nome e ano de chegada.
- Catálogo da biblioteca com 3.653 obras. O mecanismo de busca era autor, título, assunto, tipo de obra (livros, tese, etc.).
- Catálogo de vídeos da História Oral, com 460 depoimentos. O mecanismo de busca era descendência, período de chegada no país (contexto histórico), nome do depoente.
- Além disso, para os pesquisadores e funcionários, havia também o banco de dados com o acervo iconográfico.

O site deve ampliar a disponibilização de acervos para o público, por meio do convênio de digitalização de 80 mil itens do acervo textual firmado com o Arquivo do Estado de São Paulo, o que é de fundamental importância para o estabelecimento do Museu como centro de referência da temática e instituição de divulgação e desenvolvimento de pesquisas.

Ainda pode abrigar um tour virtual pelas exposições do Museu, com a possibilidade de aplicativo para iPhone e outros tablets.

Os visitantes físicos e virtuais do Museu da Imigração são fascinados pela possibilidade de reconhecimento das suas famílias nos livros de registro e de bordo da instituição, o que pode ser feito pela busca no banco de dados de sobrenomes; muitos, porém, convivem com a frustração de não encontrar o que procuram, o que pode ser explicado por várias razões – a principal delas é porque nem todos os imigrantes ou migrantes que ingressaram no Brasil passaram pela Hospedaria. O Museu como instituição viva pode continuar alimentando este banco de dados com os visitantes imigrantes do Museu e suas famílias; para isso, o site pode administrar a criação de uma árvore genealógica, com novos sobrenomes que podem ser incorporados ao banco atual ou sistematizados em plataforma convergente.

No âmbito da colaboração, o site poderia fomentar a criação de uma enciclopédia virtual, a exemplo da Wikipédia, na qual os visitantes criassem verbetes sobre fazeres e saberes trazidos de suas terras de origem.

Outra ação que pode ser incorporada ao site é a fotografia customizada. Assim como no Museu pretende-se manter o espaço do Estúdio Fotográfico, para que o visitante paramentado de roupas antigas simule e tire fotos nas dependências da instituição e na estação ferroviária, o site pode disponibilizar um espaço para estas montagens virtuais.

Outras ações podem ser pensadas a fim de divulgar e ampliar a atuação dos programas do Museu.

### 1.4.3. Café/Restaurante

Os museus são espaços de sociabilidade, onde o público tem a possibilidade de encontrar um amigo para conversar, ler um livro ou mesmo fazer um lanche rápido. Nesse sentido, justifica-se a instalação de um café/restaurante, que poderá representar uma ótima opção cotidiana de bem-estar para os visitantes, além de constituir uma fonte de recursos para a instituição. É importante que o espaço seja visualmente coadunado com o partido museográfico global e com a identidade visual do Museu então requalificado.

O café do Museu da Imigração poderá fazer uso do jardim, compondo com ele um agradável espaço de descanso e sociabilidade. O cardápio deve ser alusivo à temática do Museu, podendo ter dias para cada uma das nacionalidades, explorar as misturas culinárias originárias da imigração ou ainda explorar as culinárias regionais brasileiras.

Quando bem desenvolvidos esses aspectos em sintonia com o Museu, os resultados simbólicos e comerciais são muito positivos. Deve haver uma preocupação primordial em relação à segurança, por isso não se recomenda cozinha no local, mas pratos prontos. Ainda no âmbito da responsabilidade do Museu, como órgão gestor deste espaço, é preciso estar atento às questões de sustentabilidade em todo o eixo operatório do estabelecimento. Desde a eleição de práticas integralmente “verdes” na seleção de alimentos, na composição dos lanches oferecidos, seleção de utensílios, até as práticas de descarte por meio de lixo seletivo



e consumo responsável de água e de energia.

#### 1.4.4. Loja

As lojas criadas e inseridas no cenário museológico trazem um incentivo à recordação de um lugar interessante conhecido, bem como a possibilidade de angariar recursos contínuos para o Museu, além de criar mais um ponto importante de divulgação e venda de diferentes produtos e objetos diversos, como livros, jogos e brinquedos educativos, camisetas, cartões postais, canetas e outros materiais com a marca do Museu.

É importante que os produtos comercializados sigam a identidade e vocação da instituição, contribuindo assim para disseminação de sua missão e objetivos. Além disso, a loja deve comercializar com exclusividade todos os catálogos e produtos que forem gerados para exposições no Museu, temporárias ou itinerantes, bem como franquear acesso ao seu público a outras publicações e produtos dos equipamentos congêneres da Secretaria da Cultura, ONGs e instituições ligadas ao Museu.

O Museu pode convidar artistas de diversas nacionalidades para desenvolver linhas de produtos temáticos, bem como se apropriar de recursos empregados na exposição de longa duração para incrementar e desenvolver linhas para comercialização; jogos pedagógicos utilizados pelo programa educativo também poderão ser veiculados na loja.

#### 1.5. Programa de pesquisa

A unicidade e importância do acervo do Museu da Imigração tornam primordial o desenvolvimento e o amadurecimento de linhas de pesquisa que deem suporte às demais ações de comunicação da instituição, bem como que alimentem e ampliem a documentação do próprio acervo.

A sua reabertura deve ser marcada por uma atuação mais incisiva na cidade e no Estado de São Paulo, que têm dinâmica e feição atual que em muito podem ser atribuídas à imigração.

As linhas de pesquisa da instituição devem estar ancoradas nos três eixos macro da exposição de longa duração: deslocamento como processo definidor da humanidade, história da Hospedaria de Imigrantes e imigração contemporânea.

O Museu deve ainda ser um centro aglutinador de pesquisas de orientação mais acadêmica, disponibilizando seu acervo museológico e, principalmente, documental para consultas a estudantes tanto do ensino médio como do superior.

Parcerias com universidades e instituições estaduais de fomento, como a Fapesp, poderiam abrir linhas específicas de pesquisa. Cursos de curta duração, ciclos de debates e oficinas de treinamento complementariam essa modalidade destinada a aprofundar os diferentes aspectos do fenômeno migratório contemporâneo.

O Museu também deve alimentar com novas investigações colaborativas, experiências já exploradas pelo programa de exposições; para isso se propõe a criação de uma linha de pesquisas inspirada pelo módulo 6 da exposição de longa duração, onde um bairro (o Bom Retiro) foi escolhido para ilustrar a participação dos migrantes e imigrantes, com suas diferentes tradições, na constituição de uma forma de vida fundada antes no convívio do que no isolamento. Tal como ocorreu no Bom Retiro, todos os bairros da cidade de São Paulo trazem marcas dessa presença; assim, uma proposta que o Museu do Imigrante pode incentivar é que cada um, por meio de suas associações, escolas, centros desportivos e culturais, etc., realize o levantamento e registro dessas marcas constitutivas de sua identidade.

As linhas de pesquisas do Museu devem estar coadunadas com as temáticas de seus acervos, explorando a pluralidade cultural dos imigrantes que passaram pela Hospedaria e marcaram de forma contundente a constituição da identidade da nossa cidade, nosso Estado e país. Usando do recorte por nacionalidade, pode-se estudar influências e confluências nas manifestações culturais (culinária, dança, artesanato, etc.) e formas de trabalho (novos ofícios, formas de sociabilidade e contato).

O acervo também permite o estudo dos percursos de ocupação do Estado de São Paulo e, talvez a mais relevante lacuna a ser explorada pelo novo Museu, os deslocamentos internos, principalmente de migrantes nordestinos, que são responsáveis pela metade dos 2,5 milhões de pessoas que a Hospedaria abrigou. O Museu já produziu algumas iniciativas neste sentido, como uma exposição temporária e uma publicação, no entanto, indica-se a formalização de uma linha sistemática de pesquisa e aprofundamento.

Outra importante linha de pesquisa a ser desenvolvida é a identificação das migrações contemporâneas e sua inserção na cidade.

Para isso é imprescindível que o Museu articule as bases de dados existentes num banco de dados acessível a consultas, com interface no site, revista eletrônica e outros níveis de comunicação. Trata-se, portanto, de integrar os acervos da documentação textual (listas de bordo, livro de registro de imigrantes e migrantes alojados nas Hospedarias do Bom Retiro e do Brás, processos administrativos da Secretaria de Agricultura, processos de serviço de registro de estrangeiros, fichas de registro de imigrantes, documentos pessoais); documentação iconográfica (fotografias, plantas, mapas); o acervo audiovisual (filmes e entrevistas); história oral, hemeroteca e biblioteca.

Essa base relacional deve ser o suporte do novo centro de pesquisa e referência, com a finalidade de transformá-lo num polo de excelência para estudo, pesquisa, divulgação e intercâmbio de interessados e especialistas do país e do exterior sobre o tema da migração.

O *Centro de Referência e Pesquisa* proposto cumprirá as seguintes funções:

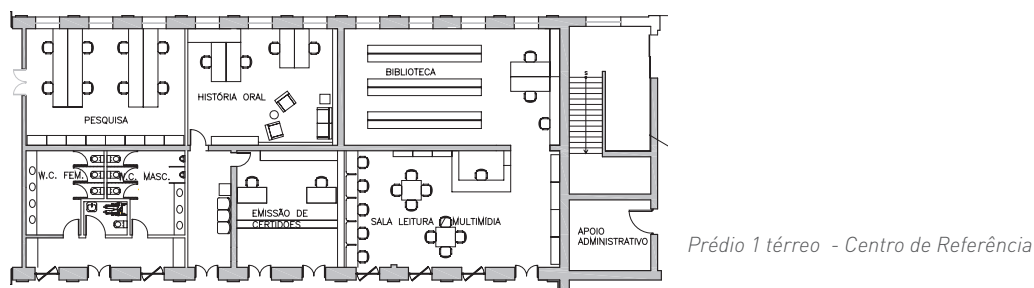
- disponibilização dos acervos da instituição;

- divulgação de fontes patrimoniais externas, ou seja, do repertório de acervos museológicos, arquivísticos, bibliográficos, iconográficos, sonoros, videográficos, etc., disponíveis em outras instituições da cidade, do Estado, do país e do exterior;
- desenvolvimento e divulgação de pesquisas;
- atendimento do público pesquisador, estudante e interessados em geral;
- o centro ainda pode abrigar o serviço de emissão de certidão a partir dos conteúdos virtuais que poderão ser acessados, uma vez que os originais serão mantidos no Arquivo do Estado, item que representa importante elo com as comunidades.

Entre as principais instituições parceiras potenciais atuantes no Estado de São Paulo, destacamos algumas:

- Unesp – Universidade Estadual Paulista
- USP – Universidade de São Paulo
- Unicamp – Universidade Estadual de Campinas
- Demais universidades públicas e privadas
- Ibram – Instituto Brasileiro de Museus
- Arquivo do Estado de São Paulo
- Condephaat
- Associação Paulista de Municípios
- CEM – Centro de Estudos Migratórios
- LEI – Laboratório de Estudos da Intolerância
- SESC – Serviço Social do Comércio
- Fapesp – Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de São Paulo
- Cenpec – Centro de Estudos e Pesquisa em Educação, Cultura e Ação Comunitária
- Rede Ferroviária Federal/Iphan – Coordenadoria Regional de São Paulo

## Espaços físicos



O espaço de consulta do Centro de Referência deve articular: história oral, biblioteca e mídia. Este espaço seguirá a nova identidade visual da instituição, com mesas individuais e para reuniões, a fim de facilitar o acesso dos pesquisadores e também dos grupos escolares.

Como apoio às temáticas previstas na exposição, o Centro de Referência também deve abrigar ações de comunicação. Como uma iniciativa, discutida em reunião, propõe-se a elaboração de um *Fichário das nacionalidades*. As nacionalidades referenciadas, a princípio, seriam as que passaram pela Hospedaria (aproximadamente 75), com informações sintéticas: nome do país, breve história, localização geográfica, dados demográficos do país, dados da imigração (ano das primeiras emigrações para o Brasil e população atual no Brasil). Este fichário deverá ter em torno de 1 m de altura X 0,90 m de largura e deverá ser manuseado pelo público. Como exemplo, vemos a imagem do Museu do Futebol, que possui peça semelhante com os históricos dos times de futebol.



Fichário com os históricos dos times de futebol - Museu do Futebol  
Foto: Daniel Mobília / Diário de SP

Esse módulo deve ser atualizado periodicamente e pode ter desdobramentos tanto com as populações de migrantes contemporâneos como com outras temáticas.

### 1.6. Programa de história oral

O uso da metodologia da história oral está ligado teoricamente a mudanças ocorridas na

compreensão da ciência historiográfica ao longo do século XX, principalmente ao movimento conhecido como Nova História, no qual novas fontes historiográficas (música, imprensa, artes e depoimentos) e novos atores (marginalizados) são estudados, o que resulta uma nova historiografia, denominada “história dos vencidos”.

Desde 1995, o Memorial do Imigrante faz o registro de histórias de vida de imigrantes e migrantes que se fixaram no Estado de São Paulo, por meio do seu núcleo de história oral, coleta que reuniu aproximadamente 600 depoimentos. Os registros revelam a fala e as memórias de imigrantes de várias nacionalidades e brasileiros oriundos de vários Estados da Federação. As entrevistas são gravadas em áudio e vídeo e posteriormente são transcritas. Com o Museu em funcionamento, estavam disponíveis ao público na Biblioteca e no antigo site.

No Museu da Imigração, a realização e sistematização de depoimentos dão às linhas de pesquisas uma aproximação sensível do cotidiano, das percepções sobre o Brasil e a política de imigração do Estado, marcadamente no início do século XX. Além disso, nos dão vestígios para a apreensão dos sentimentos – as alegrias, tristezas, dúvidas e sonhos que permeiam a experiência do deslocamento.

Há a demanda de expansão do universo de depoimentos em três sentidos:

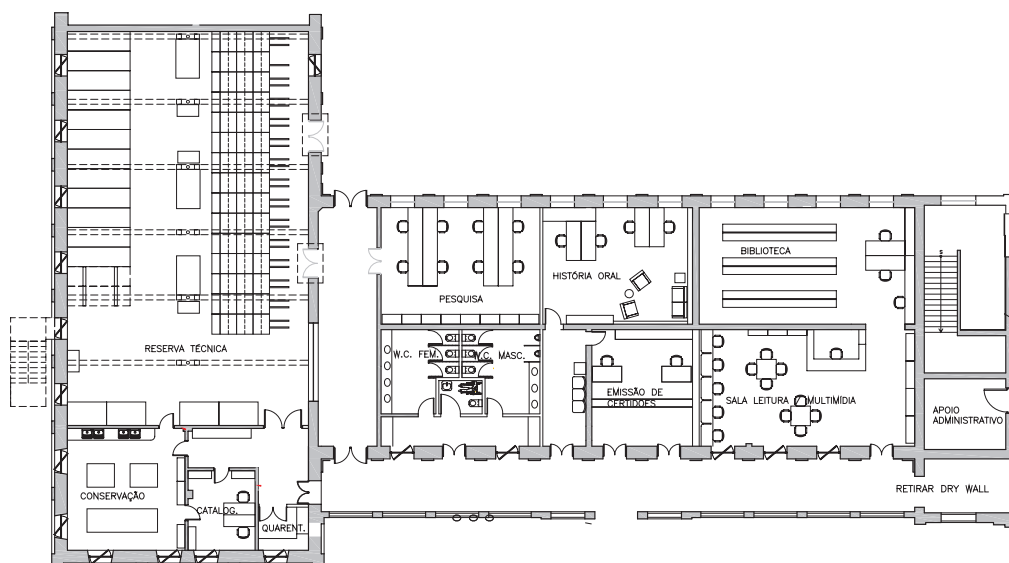
- a. Privilegiar as comunidades que ainda possuem representantes que passaram pela Hospedaria;
- b. Comunidades contemporâneas que vivenciam as novas dimensões da imigração no país;
- c. História de migrantes nacionais que passaram pela Hospedaria.

Outra oportunidade de ampliação deste acervo seria por meio de um sistema de captação de depoimentos sistemáticos e em tempo real: os visitantes seriam incentivados a deixar não apenas suas impressões sobre esta ou aquela exposição, mas a fazer relatos mais completos sobre sua própria experiência, seja como imigrantes ou descendentes. Essa coleta poderia ser feita no espaço do Centro de Referência, com a utilização de um dos terminais de consulta como pequena ilha de captação, uma versão bastante simplificada que simularia a interação já comum nas redes sociais.

A proficuidade e importância histórica das coletas vinculadas à história da imigração direcionam para o estabelecimento de parcerias mais sólidas com programas de história oral vinculados às universidades ou agências de fomento (USP, Unicamp, Fapesp), o que poderia seguir o mesmo molde do Programa de Pesquisa.

O Museu ainda pode ser um ponto de referência e divulgação para programas de história oral que envolvam migrantes e descendentes, sem precisar necessariamente concentrar todas as etapas da coleta.

## Espaços Físicos



Dentro da nova museografia prevê-se espaço para guarda, captação e extroversão dos depoimentos, em espaço contíguo ao Centro de Referência.

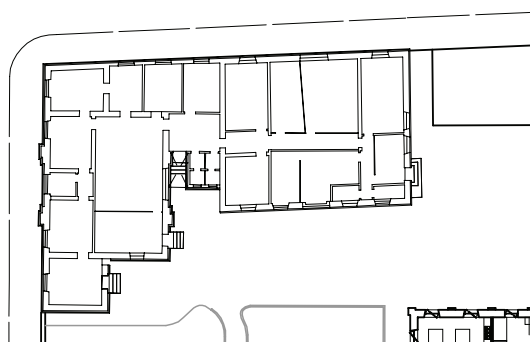
### 1.7. Programa editorial

Em consonância com o Programa de Pesquisa e o Centro de Referência, o Museu deve constituir um comitê editorial que incentivará a publicação de pesquisas, ensaios e investigações sobre as temáticas do Museu, além das demais publicações, sejam elas educativas, associativas, informativas ou motivacionais.

## 2. PROGRAMA DE PRESERVAÇÃO

### 2.1. Áreas técnicas

Está previsto um conjunto de espaços e programas especialmente concebidos para a preservação, o tratamento, a pesquisa e o manuseio do acervo do Museu, assim como espaços destinados ao desenvolvimento de atividades administrativas, com estrutura de escritório. Apresentamos abaixo as áreas específicas do Museu que foram destinadas a essas atividades. Este conjunto de espaços será de acesso restrito, porém facultado aos funcionários do Museu, por razões de conservação e segurança.



Planta Prédio 4

#### 2.1.1. Museologia

O Núcleo de Museologia é responsável pelo desenvolvimento das diversas atividades ligadas ao acervo: catalogação, empréstimos, planejamento de aquisições, elaboração e preparação de futuras exposições, conservação preventiva e higienização, além de ser um elo agregador da instituição.

##### Aspectos físicos

A coordenação da Museologia transitará entre o Prédio 4 e 1, com espaço específico junto às áreas administrativas e técnicas do Museu e a Reserva Técnica.

#### 2.1.2. Reserva técnica

O espaço destinado à preservação do acervo foi proposto de acordo com padrões museológicos internacionais.

Para o detalhamento desta área, foram analisadas as especificações e particularidades das diversas tipologias do acervo do Museu, bem como os equipamentos já disponíveis.

##### Aspectos físicos

A Reserva Técnica do acervo, composto por objetos museológicos bidimensionais e tridimensionais, ficará na lateral esquerda do piso térreo do prédio principal. O local é bastante amplo e possui pé-direito alto. Contíguas ao espaço da Reserva Técnica ficarão a Sala de Conservação e Processamento do Acervo, a Sala de Catalogação e Documentação e a Sala de Quarentena.

De acordo com a tipologia da exposição, ainda está prevista, no piso térreo do Prédio 8, uma Sala para a Armazenagem de Material para Exposições Temporárias, uma Oficina para serviços gerais diversos, e um Almojarifado.

### **Prédio 1**

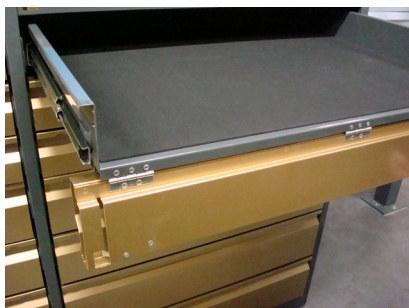
O espaço possui uma área de 244m<sup>2</sup>. Uma das portas atualmente existentes deverá permanecer continuamente fechada, mas será adaptada para servir de saída de emergência para o pátio interno do Museu, quando necessário. O mesmo acontece com uma das portas que dará acesso à escada de emergência, para saída em direção à Rua Dr. Almeida Lima. Uma segunda abertura hoje existente deverá ser fechada completamente. As janelas deverão ser fechadas e lacradas. No entanto, a Reserva Técnica terá uma grande abertura, protegida por vidro fixo (colocado a 0,80m de altura do piso e com altura de 1,10m). Esse recurso dará visibilidade do interior da Reserva para quem se dirige à Sala de Pesquisa. O acesso principal da Reserva será por uma porta de vidro de duas folhas, permitindo a passagem de objetos de grandes dimensões. Um outro acesso secundário está previsto para ser conectado diretamente a partir da Sala de Conservação. O acesso de objetos se dará pelo corredor coberto, a partir da rampa de acesso, onde caminhões de pequeno porte (VUC – Veículo Urbano de Carga), poderão estacionar somente para carga e descarga.

O espaço destinado à Reserva Técnica terá acabamento com pintura na cor branca e o piso frio, de acordo com a indicação do projeto de restauro, que foi igualmente acordado nas reuniões periódicas realizadas com a empresa responsável pela obra.

A Reserva Técnica será climatizada e a iluminação de acordo com os padrões de conservação, possibilitando um acionamento setorizado. Recomendamos que seja contratado o projeto luminotécnico complementar para as áreas técnicas e administrativas, cuja proposta já foi apresentada pela Fernanda Carvalho. De qualquer maneira, recomendamos que as áreas técnicas tenham a possibilidade de acionamento da iluminação de forma setorizada e que nas áreas de acervo as luminárias sejam blindadas. Caso se opte pela lâmpada fluorescente tubular, a mais indicada para esta situação é a Philips TLD 90 Deluxe, pois tem reprodução de cor de 95%. Pode-se adicionar o filtro Rosco para bloquear UV.

O mobiliário de armazenagem foi previsto em função do volume atual e das tipologias específicas, pensando-se na possibilidade de aumento gradual do volume do acervo. O conjunto





*Exemplo de adaptação de prateleiras possível para acondicionamento de objetos tridimensionais.*

de arquivos deslizantes, já existente na sala, foi mantido e deverá ser reutilizado, tendo sua posição realocada quando da nova montagem. Dessa forma, foram respeitados os investimentos já dispensados para a conservação do acervo. O conjunto de arquivos, em parte,



será adaptado para o recebimento de objetos tridimensionais de médio porte, criando-se um anteparo frontal em metal, com dobradiça, para facilitar o acondicionamento e a segurança do acervo durante a movimentação do arquivo.



*Compact CR 1021*

Os objetos tridimensionais de pequeno porte serão acomodados nas gavetas das mapotecas, que para isso deverão receber proteção interna com material tipo Etaphoan. Estão previstas seis mapotecas de 1,02 X 1,35 m, com 10 gavetas de 10 cm de altura cada.

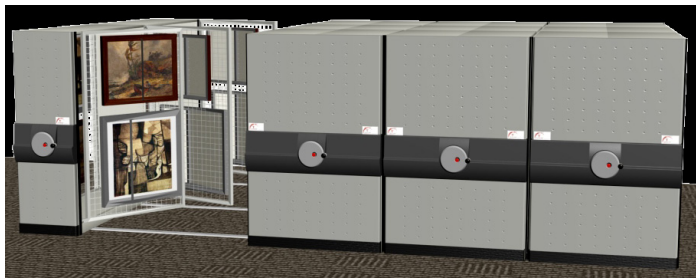
Para os objetos tridimensionais de grande porte, estão previstas duas possibilidades: plataformas deslizantes e estantes. O acervo com peso elevado será acomodado em plataformas



*Imagem de referência – Museu de Artes Decorativas de Paris*

deslizantes em metal. O conjunto é formado por seis módulos deslizantes, como mostra a imagem ilustrativa. Cada Módulo terá 3,20 m de largura X 1,00 m de comprimento e altura livre.

O acervo de objetos tridimensionais de grande porte, porém mais leve, será acomodado em duas estantes com divisão modular de prateleiras internas, em madeira, com 4,50 m de largura X 1,20 m de profundidade e 3,70 m de altura cada, como mostra a imagem ilustrativa.



*Pictus TQ 1021*

Para o acervo bidimensional sem molduras, a acomodação será nas mapotecas, com acondicionamento interno adequado aos padrões de conservação. Para as obras emolduradas de pequenas e médias dimensões, foi previsto um conjunto de seis módulos deslizantes adaptados internamente com telas aramadas, como mostra a imagem ilustrativa. Cada módulo



terá 3,20 m de largura X 1,00 m de profundidade e altura de 2,50 m.

O material empregado para equipamentos e acondicionamento atende às necessidades de conservação do acervo quanto à neutralidade e estabilidade.

Para facilitar a movimentação interna do acervo, para levantamento, pesquisa ou higienização, foram previstas quatro mesas móveis, em ferro, com tampo de madeira com revesti-



*Exemplo de sinalização interna*

mento melamínico, de 1,11 m X 0,81 m X 0,90 m de altura.

Para o deslocamento do acervo entre o espaço da Reserva Técnica e as áreas expositivas do Museu será necessário providenciar carrinhos especiais, com revestimento interno para a proteção do acervo durante o deslocamento. O acesso do pavimento térreo para o pavimento superior do prédio principal deverá ser possível por elevador.

A possibilidade salutar de tornar pública a visibilidade interna da Reserva envolve, além de ajustes de arquitetura e expografia, a utilização de recursos e de comunicação visual, dosando critérios funcionais e estéticos. Recomendamos que na implantação e recondução do acervo para a instituição seja previsto um projeto específico de programação visual para a sinalização interna (localização visual das peças) da Reserva Técnica, com a identificação dos diferentes suportes de armazenagem, com letras de vinil recortado, em diferentes cores.

### **2.1.3. Sala de conservação e processamento do acervo**

Essa sala de 38 m<sup>2</sup> aproximadamente é contígua ao espaço da Reserva Técnica e à Sala de Catalogação e Documentação. Desse modo, o deslocamento do acervo para a execução das atividades técnicas é minimizado. Seu acesso deve ser limitado aos funcionários do Museu.

A sala possui quatro janelas, que deverão ser protegidas internamente por grades, sem com isso impossibilitar a abertura das mesmas, em função da utilização de iluminação e ventilação natural, de acordo com a necessidade. Da mesma forma, essa sala deverá ser climatizada, possibilitando a armazenagem de acervos durante os processos de trabalho.

O local terá acabamento com pintura na cor branca e o piso frio, de acordo com a indicação do projeto de restauro e que foi igualmente acordado nas reuniões periódicas realizadas com

a empresa responsável pela obra.

O espaço é destinado ao recebimento de acervos e manuseio quanto à conservação preventiva, guarda provisória de obras durante a realização de arrolamento inicial (documentação primária que precede a catalogação), higienização primária antes da armazenagem na Reserva Técnica ou ingresso nas áreas expositivas, confecção de pequenos suportes, apoio aos serviços de documentação e museologia, etc. Esse espaço conta com infraestrutura com bancada com quatro pias e mobiliário específico para comportar a guarda provisória de acervo e a realização das tarefas apontadas acima, com duas mesas/bancadas de 1,20 X 1,40 m e uma de 3,60 X 1,20 m, além de armários com prateleiras para equipamentos, ferramentas e utensílios.

#### **2.1.4. Sala de catalogação e documentação**

Essa sala possui 13 m<sup>2</sup>, aproximadamente, é contígua às salas de Conservação e de Quarentena e mantém os mesmos materiais de acabamento interno, já descritos acima. Nessa área se processa toda a documentação museológica, o que inclui os serviços de catalogação e processamento do acervo. Possui dois pontos de trabalho, composto por duas mesas de 1,20 X 1,60 m e três estantes com prateleiras de 1,20 X 0,40 m. Na sala estão previstos ainda os pontos de lógica e elétrica necessários para acesso à informatização do acervo.

Uma das portas da sala faz comunicação com a Sala de Conservação e a outra permite o acesso ao corredor de comunicação interna, onde foi prevista uma bancada de 3,00 X 0,50 m para o apoio temporário do acervo durante algum processamento técnico específico.

Nessa área está previsto um sistema de climatização para conforto humano e iluminação com intensidade variável, preferencialmente com dimerização e focos para cada unidade de trabalho.

#### **2.1.5. Sala de quarentena**

É o primeiro espaço do complexo da Reserva Técnica, com 5,25 m<sup>2</sup>, fechamento em parede de dry wall e porta em folha dupla, para o apoio temporário de acervo em processo de doação, por exemplo, ou retorno de exposição temporária externa. É nesse local que serão feitas as devidas análises, incluindo a investigação para o encaminhamento ou não para a desinfestação. A sala é composta por uma estante com prateleiras de 1,40 X 0,60 X 2,50 m de altura e por uma mesa de apoio de 1,96 X 0,60 m.

### **2.2. Áreas técnicas complementares**

Em função das tipologias de exposições temporárias e de longa duração, foram previstos no Prédio 9 alguns locais para a armazenagem ou a realização de atividades de suporte, como:

- Oficina de manutenção: informática, ar condicionado, elétrica, hidráulica, etc. (60 m<sup>2</sup>)

- Almoarifado (30 m<sup>2</sup>)
- Sala de apoio para exposição temporária (60 m<sup>2</sup>)
- Central de controle, monitoramento e segurança, incluindo a automação predial como um todo (14,8 m<sup>2</sup>)
- Sala de controle de operação e infraestrutura (66 m<sup>2</sup>)

Além dessas salas, nesse mesmo prédio foi possível a adequação de uma sala de aproximadamente 15 m<sup>2</sup> com função de Ambulatório, que deverá ser equipada com o mobiliário específico e estar disponível para o público visitante em caso de necessidade, para um acolhimento.

### 3. PROGRAMA DE AVALIAÇÃO INTEGRADA

O Museu da Imigração deve criar um programa permanente de avaliação. As estratégias a serem implantadas devem englobar não só a avaliação de resultados ou medição quantitativa de público, mas também a avaliação contínua de métodos e processos de implantação e de rotinas do Museu – processos internos e de extroversão.

Os dividendos de um processo de avaliação contínua poderão dar subsídios a novas argumentações de estratégias de obtenção de recursos e para o redirecionamento de programas e projetos do Museu a médio e longo prazos, além de revisões periódicas no próprio plano museológico.

Entre as modalidades de avaliação que podem ser empreendidas, destacam-se:

- avaliações preliminares (identificação de atratividade, definição de público potencial e suas concepções sobre o tema a ser tratado), formativas (que tragam informação sobre a eficácia da exposição durante seu desenvolvimento), somativas (realizadas após o término da exposição, trazendo elementos para futuras programações), e corretivas de processos de exposição (realizadas quando se percebe algum ponto problemático a ser corrigido);
- avaliações qualitativas por meio de grupos focais para identificação de percepções, valores e interesses de faixas de público e de não-público, tendo como prioridade os públicos das comunidades imigrantes, frequentadores qualificados da instituição;
- ampliação da avaliação quantitativa de perfil de público (quanto à idade, gênero, escolaridade, camada socioeconômica, ocupação, entre outros), já que houve uma pesquisa de pequena expressão desenvolvida pela Universidade vizinha;
- avaliação qualitativa de visitação;

- avaliações quantitativas e qualitativas de apreensão de conteúdos das exposições direcionadas especialmente para as escolas – professores e grupos de alunos;
- avaliação da divulgação dos projetos especiais do Museu e sua programação em diferentes mídias, bem como junto aos grupos de pesquisa.

#### 4. PROGRAMA DE GESTÃO

O Museu da Imigração é uma instituição vinculada à Secretaria de Estado da Cultura do Governo de São Paulo, regida pelo modelo de OS, implementado para as instituições culturais do Estado de São Paulo em 1998.

Segundo o site da Secretaria de Estado da Cultura, *“essa Lei qualifica instituições sem fins lucrativos, que já atuem na área cultural, em Organizações Sociais, transferindo-lhes a gestão de espaços públicos, antes geridos diretamente pela Secretaria de Estado da Cultura”*.

É importante salientar que os espaços públicos administrados pelas Organizações Sociais continuam sendo patrimônio do Estado de São Paulo e são fiscalizados tanto pela Secretaria da Cultura, por meio de suas Unidades Gestoras e da Comissão de Avaliação, quanto por outros órgãos estatais como a Assembleia Legislativa de São Paulo, o Tribunal de Contas do Estado e a Secretaria de Estado da Fazenda, além da sociedade civil, por meio da Ouvidoria da Secretaria.

A formalização da relação entre Organização e Estado se dá por intermédio de um contrato de gestão, no qual estão expressos o plano de trabalho e as metas a serem realizadas no período acordado.

Este modelo proporciona maior agilidade e flexibilidade na gestão de órgãos públicos e vêm apresentando resultados satisfatórios, tanto na qualidade dos serviços prestados ao público usuário das instituições, como têm sido fundamental para a profissionalização na área.

O Museu do Imigrante passou por uma transição recente de organização gestora para um contrato de transição durante o fechamento e obras, e ao fim desta etapa terá o desafio e a oportunidade de arregimentar um novo plano de trabalho com base no Plano Museológico.

Como indicação preliminar, propomos seis núcleos, suficientes para operar, inicialmente, os programas apontados neste documento:

*Núcleo de Gestão Institucional:* responsável pela administração (recursos humanos, financeiro, administrativo), pelos espaços do Museu (café, loja), pelas relações institucionais, pela tecnologia (software, hardware, infraestrutura, atualizações, gerenciamento de informação), e responsável também por coordenar a parte de avaliação integrada, cujos trabalhos levantarão dados para alimentar e ajustar as ações da instituição.

*Núcleo de Comunicação:* responsável pelas ações de mobilização e pela comunicação institucional do Museu. Responsável pela assessoria de imprensa, pela alimentação do site e de outras mídias virtuais e pela área de relações públicas, além da elaboração de projetos e captação de recursos.

*Núcleo de Museologia:* responsável pelas áreas de comunicação museológica e salvaguarda. Coordena a relação entre o Museu e seus públicos por meio dos programas de exposições, assim como a área de salvaguarda responsável pelo programa de documentação, conservação preventiva e política de acervo.

*Núcleo de Pesquisa:* coordena toda a parte de pesquisa, Centro de Referência, Biblioteca e História Oral (2 coordenadoras e 3 técnicas especialistas).

Comitê especialista para definir as ações do Centro de Referência: Além da equipe de pesquisa, pensamos que seria interessante a composição de um comitê com especialistas notórios para nortear as pesquisas, encaminhamento junto às universidades e agências de fomento. Seria equivalente ao Conselho Gestor.

*Núcleo de Educação:* coordena todo o programa de educação. Inclui a elaboração de roteiros temáticos para as exposições, elaboração de material de apoio e didático, as atividades de oficina e o atendimento a públicos especiais (deficientes auditivos, visuais, físicos, com transtornos psiquiátricos ou em vulnerabilidade social). Coordena também a parte de formação e capacitação de educadores e orientadores de fluxo, além da concepção dos seminários, encontros e palestras, as publicações educativas e o relacionamento do Museu com a rede de ensino formal pública e privada, e com instituições e entidades da sociedade civil organizada.

## 5. PROJETOS COMPLEMENTARES

O grande avanço nas tecnologias e técnicas construtivas alcançado na segunda metade do século XX foi acompanhado de uma progressiva sofisticação no desenvolvimento dos projetos complementares, sejam eles de estrutura, elétrica, hidráulica, climatização, sonorização, iluminação, acústica, prevenção contra incêndio, segurança, sustentabilidade, entre outros. Por outro lado, a quebra das barreiras de importação de equipamentos e serviços foi decisiva para a injeção, no mercado nacional, de novas tecnologias a serviço da arquitetura e construção civil, possibilitando a instalação de edifícios inteligentes também no Brasil.

Os museus, grandes ícones do século XX em todo o mundo, hoje elevados a estrelas no cenário do entretenimento no século XXI, beneficiaram-se sobremaneira de todos estes avanços. Investimentos volumosos assegurados por governos e grandes corporações têm garantido aos novos museus internacionais sedes projetadas por grandes nomes da arquitetura mundial, uma sofisticação exemplar em suas instalações, bem como no seu funcionamento cotidiano, propiciando o acolhimento qualificado de um público visitante progressivamente maior.

No Brasil, os conhecimentos técnicos se difundiram rapidamente e os museus nacionais vêm se beneficiando, através das Leis de Incentivo à Cultura, de novos programas de requalificação arquitetônica, museográfica e expográfica.

Os novos museus que vêm sendo instalados, nesta última década, no Brasil, têm procurado se valer de sólidos programas museológicos capazes de harmonizar uma série de conhecimentos necessários ao bom desenvolvimento de um projeto arquitetônico qualificado, que possa capitanear a implantação de projetos complementares que atendam a necessidades museológicas gerais e específicas.

O museu inteligente é agora possível também no Brasil, e pode ser desenvolvido, de forma harmônica, à luz de um bom programa museológico, com o esteio de um projeto arquitetônico líder, capaz de entrelaçar os demais projetos complementares.

Hoje, tais sistemas co-habitam no museu, de forma articulada, respondendo a uma central única de controle, com vigilância permanente.

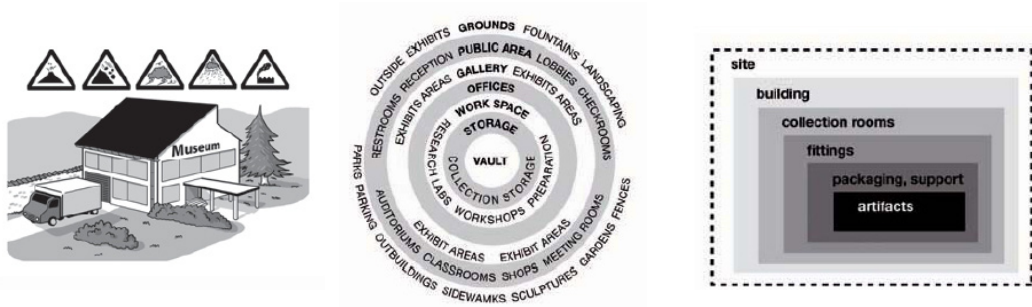
Com essa abertura de nicho comercial e empreendedor, as multinacionais e produtoras de tais sistemas estão receptivas a patrocínios ou doações diretas e indiretas em muitos dos novos projetos museológicos realizados no país.

Vamos, portanto, a algumas considerações sobre alguns projetos complementares que interagem no cenário museal:



### 5.1. Programa de segurança

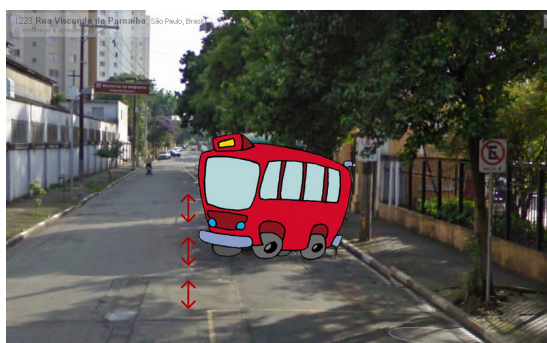
Para a segurança do Museu da Imigração deverão ser observados aspectos mais abrangentes, que envolvem todo o entorno da região. Deve-se ter em mente o envoltório do Museu e a previsão de fluxo.



Nesse sentido, as orientações são em função do desenvolvimento de um planejamento urbano, envolvendo diferentes instâncias de governo, incluindo a Prefeitura e as Sub-prefeituras, as secretarias de Urbanismo, Planejamento, Segurança Pública e do Turismo, a interlocução com a SPTrans – Secretaria Municipal de Transportes (para os serviços públicos e o envolvimento com o sistema viário da região), com a CET – Companhia de Engenharia de Tráfego (para a organização das vagas de estacionamento, provavelmente a 45º); enfim, deverão ser estudadas formas para a requalificação do entorno, trazendo assim conforto e segurança ao público visitante. Deverão ser previstas formas de proteção periférica.



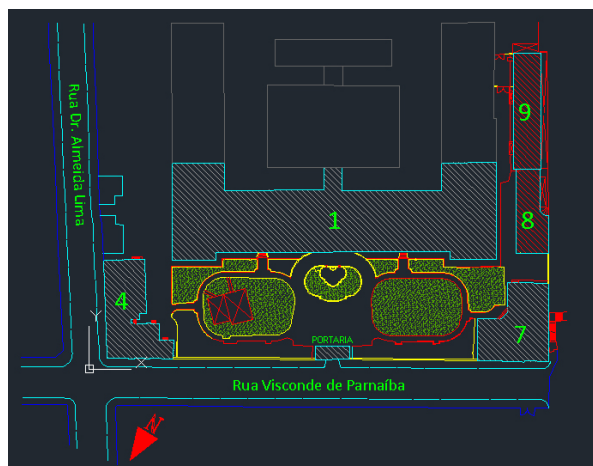
Vista da esquina da Rua Dr. Almeida Lima e Visconde de Parnaíba e vista do Prédio 7, por onde deverá ocorrer o acesso do público



Acesso de ônibus escolares (somente para carga e descarga)

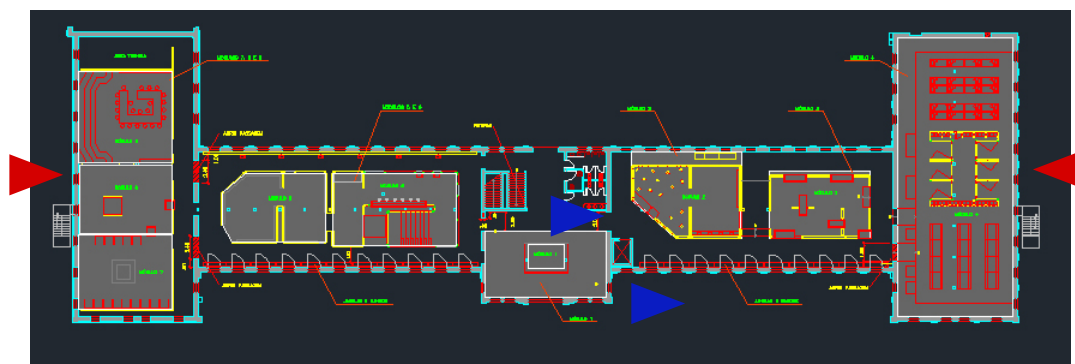
Ao mesmo tempo, já se considerando um raio menor de proteção, deverão ser analisados o distanciamento do Arsenal e a possibilidade de acesso das comunidades, além da necessidade de estudo de sistemas de franqueamento de visitantes, etc.

Assim, foi prevista a entrada de todos os visitantes pelo Prédio 7, com a possibilidade de compra de bilhetes para a exposição de longa duração.



Os visitantes poderão ter acesso a todo o complexo das edificações. Trata-se de um sistema fluido e relevante, que possibilita à comunidade a permanência nas áreas comuns, onde terá oportunidade de desenvolver diferentes atividades – desde o passeio com a locomotiva, no Prédio 8, a visita à loja, ao café no Prédio 7 e um passeio pelo jardim, até assistir uma apresentação no auditório, ver as exposições temporárias, realizar pesquisas no Centro de Referência, entre outras atividades do Prédio 1. Ao mesmo tempo, poderá ter acesso às Salas Multiuso do pavimento superior do Prédio 9.

Para o acesso à exposição de longa duração, o visitante deverá ter adquirido na entrada o bilhete específico para tal, podendo passar pela catraca, seja pelas escadas ou pelo elevador de acessibilidade. Dessa forma será também possível que o Museu mantenha a exposição de longa duração temporariamente fechada, quando da realização de algum evento especial, por exemplo, numa festa. O fluxo dos visitantes para a exposição de longa duração foi previsto de acordo com o desenho ilustrativo.



Em função da própria edificação, a circulação, a partir da subida da escada na parte central, foi prevista para ser realizada de um lado e de outro do prédio, sendo que a saída se dá pelo mesmo local. Os corredores laterais da exposição foram criados como forma de controlar os fluxos naturais, organizando de forma segura o escoamento dos visitantes. Há ainda duas escadas de acesso nas laterais do prédio, para a saída de emergência.

É importante ainda salientar que o projeto de segurança é mutante e poderá ser aos poucos aperfeiçoado, em função das atividades do Arsenal, por exemplo, franqueando acessos e ao mesmo tempo proporcionando a devida proteção. É, portanto, um sistema de segurança maleável às adequações de novas necessidades.

### **5.1.1. Sistema integrado de segurança patrimonial, automação predial e cabeamento estruturado**

No decorrer das reuniões periódicas realizadas entre a equipe da Expomus, da Secretaria de Cultura do Estado de São Paulo, da OS Museu do Futebol, e da empresa responsável pelas obras civis, foi identificada a necessidade de contratação de um projeto complementar para um sistema integrado de segurança patrimonial, automação predial e cabeamento estruturado.

Orientamos novamente que esse projeto deverá ser contratado o quanto antes, para que faça interface com os demais projetos, desde o de obras e infraestrutura, até o de iluminação, o de áudio e vídeo, o de combate contra incêndio e o de climatização. Quanto mais cedo esses projetos puderem ser desenvolvidos em conjunto, mais recursos poderão ser otimizados em função da compatibilização das necessidades entre todos.

#### **Relação dos itens do Projeto Complementar de Segurança**

- Automação Predial – envolvendo os sistemas de elétrica, hidráulica e ar condicionado.
- Segurança Patrimonial – envolvendo CFTV, controle de acesso, detecção de incêndio e sonorização (*Public address*).
- Cabeamento Estruturado Passivo – definindo os sistemas de dados, voz e imagem.
- Compatibilização dos Projetos de Cabeamento e *Public address* com os projetos de Áudio e Vídeo para as áreas de exposições e outras definidas como necessárias.

#### **Detalhamento das ações previstas**

##### IMPLANTAÇÃO GERAL

##### **Elétrica**

- Sistema de Iluminação de Áreas Externas.

##### **Segurança Patrimonial**

- Sistema de Segurança Perimetral.
- Sistema de Segurança Externa contra Intrusão.
- Sistema de Circuito Fechado de Televisão – CFTV.
- Sistema de Som Integrado ao Controle.

## MUSEU

### **Elétrica**

- Sistema de Transformação e de Distribuição de Energia Elétrica.
- Sistema de Geração de Energia Elétrica de Emergência.
- Sistema de Controle de Demanda e Fator de Potência.
- Sistema de Iluminação de Áreas Comuns e Externas.
- Tarifações Setorizadas.

### **Ar Condicionado**

- Sistema de Condicionamento de Ar.
- Sistema de Ventilação Mecânica (Ventilação, Exaustão e Pressurização).

### **Hidráulica**

- Sistema de Abastecimento e Armazenamento de Água Tratada.
- Sistema de Águas Servidas.
- Sistema de Água de Reuso.
- Estações de Tratamento de Água e Esgoto.

### **Gás (se aplicável)**

- Sistema de Controle de Consumo.
- Sistema de Detecção e Bloqueio de Vazamentos.

### **Segurança Patrimonial**

- Sistema de Detecção de Incêndio.

- Sistema de Circuito Fechado de Televisão – CFTV.
- Interface com o Sistema de Transporte Vertical.
- Sistema de Controle Integrado de Acesso de Funcionários e Visitantes.
- Sistema de Som Integrado ao Controle.

## **Cabeamento Estruturado**

### Acessos Externos

Trata-se aqui da concepção do acesso ao complexo, seja via cabos seja via antenas, das informações oriundas do mundo exterior, até o POP (Point of Presence). Devem chegar e estar previstos neste ambiente os seguintes tipos de provedores:

- Provedores de Voz – deve ser feito o projeto legal junto à Telefônica e junto a outros prováveis provedores (por exemplo, Embratel).
- Provedores de Dados via Backbone Ótico (definir quantidade de provedores).
- Provedores de Dados via Satélite (definir quantidade de provedores).
- Provedores de Imagem via Cabo Coaxial e via Satélite - TV Aberta, TV a Cabo, Serviços de Notícias, etc. (definir quantidade de provedores).
- Projeto do MTR (Main Telecommunications Room) – deve ser efetuada a conexão do POP para este local, que irá compor então o Datacenter e a Central de Telefonia do empreendimento.
- Avaliação do uso da tecnologia VoIP para telefonia digital.

### Redes Wireless

- Utilização do padrão IEEE 802.11g ou mais atual.
- Deverão ser previstos os hot spots para a rede WI-FI.

## **Áudio e Vídeo**

- Projetos de interligação da rede de dados com o cabeamento estruturado para o Projeto Audiovisual.

A Expomus encaminhou em 18/02/2011 a proposta da empresa Jugend Controle Predial para esse projeto complementar.

## 5.2. Programa de combate a incêndios

No que se refere à prevenção e ao combate a incêndios, esse mesmo sistema monitorado deve estar interligado com os detectores de elevação de temperatura e fumaça, possuindo recursos automáticos para disparo e outras demandas que possam ser programadas. Além disso, o Museu deve possuir extintores de incêndio devidamente localizados e adequados para uso, de acordo com os materiais conservados ou expostos em cada ambiente.

O Museu deverá estar provido de brigada contra incêndio durante 24 horas, de acordo com o dimensionamento previsto no projeto específico a ser aprovado pela municipalidade.

Ao mesmo tempo, a equipe de segurança do Museu deverá planejar uma interface entre os diferentes agentes de proteção. No caso específico do Corpo de Bombeiros, deverá ser levada em consideração a recente Instrução Normativa Nº 40/2011 do Corpo de Bombeiros da Polícia Militar do Estado de São Paulo, para edificações históricas, museus e instituições culturais com acervos museológicos, que estabelece novas formas de atuação e proteção dos acervos de forma simultânea e paralela à de proteção humana.

Para que se possa estabelecer um diálogo permanente com essa corporação, a equipe de segurança do Museu deverá agendar uma visita de reconhecimento ao local, onde serão indicadas as áreas de exposição e os locais de armazenagem dos acervos, para que se possa estabelecer em conjunto a forma de atuação em caso de emergência e deixar os procedimentos de ação estabelecidos.

Ao mesmo tempo, o Museu deverá ter em sua equipe de segurança membros que possam fazer parte do Comitê Paulista do Escudo Azul, responsável pelas orientações de salvaguarda de acervos em casos de emergência.

O projeto complementar de combate a incêndios prevê o desenvolvimento do sistema de prevenção e os equipamentos de combate a incêndio, que de modo geral devem ter uma instalação discreta, para não causar distúrbios estéticos, porém com cobertura ampla, que evite riscos para a edificação, o patrimônio e o público visitante.

De acordo com o levantamento realizado, já existe um projeto em andamento que foi desenvolvido pela empresa VEC – Engenharia e Gestão, porém é importante ressaltar que a Expomus deverá acompanhar o desdobramento desse projeto na nova etapa de trabalho e que certamente será necessária a revisão do mesmo, pois encontra-se defasado em relação às últimas decisões de uso de cada espaço do prédio.

Seguem algumas referências importantes para os projetos, extraídas do projeto de restauro da VEC:

### Enquadramento Legal

- Legislação Básica – Dec. Est. 46076/01.
- Normalização – Instruções Técnicas (IT) e Normas da ABNT (NBR).
- Atividade – Museu.
- Altura – Até 6,00 m.
- Carga Incêndio – F-1 – 300 Mj/m<sup>2</sup>.
- Referência – Artº 5º, alínea I – Reforma de existente – Tabela 6F.1.

### Sistemas Exigidos

- Acesso de Viaturas na Edificação.
- Segurança Estrutural contra Incêndios.
- Controle de Materiais de Acabamento.
- Saídas de Emergência.
- Plano de Emergência.
- Brigada de Emergência.
- Iluminação de Emergência.
- Detecção e Alarme de Incêndio.
- Sinalização de Emergência.
- Extintores.
- Hidrantes.

### Hidrantes

Sistema de hidrantes com tomadas de água simples, previsto na IT nº 22/04, como Tipo 2, a instalar, adequado com mangueiras de 60 metros.

Tubulações:

- As tubulações são de FºGº DIN 2440, ponta chanfrada para solda ou rosca, nos Diâmetros Nominais (DN) indicados em projeto.

- As conexões são de aço, classe 150, nos DN indicados em projeto.
- O instalador poderá avaliar a utilização de suportes e pendurais do suporte do elevador, em comum acordo com o responsável técnico da construção, respeitando, principalmente, que deverão resistir à carga de 100 Kg, mais 5 vezes a massa do tubo cheio de água, com afastamento máximo de 4,0 m em linhas horizontais e, no mínimo, de 0,30 m para cotovelos horizontais.
- De acordo com a IT nº 22/04, as tubulações aparentes devem ser pintadas na cor vermelha.
- Orientar-se pela IT nº 20/04 para elaboração dos serviços.

#### Execução das Tubulações e Acessórios:

- Agrupadas, sempre que possível, no mesmo nível.
- Instaladas de modo a permitir expansões e contrações sem pressionar os tubos, juntas ou equipamentos conectados.
- Previamente devem receber preparação para pintura final.
- Não alterar a estrutura dos prédios, sem prévia avaliação do setor responsável, por tratar-se de edificação tombada.
- Os trechos enterrados serão protegidos com coalhar epóxi ou similar, revestidos com fita impermeável.
- As válvulas serão instaladas com o eixo para cima ou na horizontal, nunca invertido.
- O teste do sistema deverá ser efetuado de acordo com a NBR 13.714/00.

#### Tomada de Água:

- Registro de globo angular 45°, corpo de latão, classe 150, haste ascendente, entrada rosca fêmea NPT DN 65 mm, e saída com rosca macho NPT DN 65 mm, 5PFF, com o olhal para corrente do tampão.
- Adaptador de latão, entrada rosca fêmea NPT DN 65 mm, saída com engate rápido STORZ DN 40 mm.
- Tampão com corrente, latão, engate rápido STORZ DN 40 mm.

#### Abrigo:

- Mangueira DN 40 mm, fibra sintética com revestimento interno de borracha, Tipo II,



NBR 11.867/98, comprimento de 15,0 m e adaptação STORZ nas extremidades.

- Esguicho cônico, corpo de latão DN 40 mm, jato compacto, requinte de DN 13 mm.
- Chave para conexões de engate rápido STORZ, padrão UNIVERSAL, corpo de latão.
- Armário para mangueiras e acessórios, tipo pendente, com dimensões mínimas de 0,45 X 0,75 X 0,19 m, chapa de aço, provido de venezianas, visor, vidro com inscrição “incêndio”, moldura removível, suporte para 4 mangueiras de DN 40 mm X 15,0m, e piso com furo para drenagem.

Bombas de Recalque:

- O sistema de recalque será composto de uma bomba de recalque, com operação através de acionadores manuais para pressurização da rede.
- Sua manutenção deverá ser orientada pelos seguintes parâmetros técnicos:
  - IT22/04;
  - Recomendações de instalação dos fabricantes.

Registro de Recalque:

- De calçada, instalado na guia, entrada lateral, conforme especificações da IT nº 22/04 e folha de detalhes do projeto técnico.

#### Detecção e Alarme

Parâmetro de Projeto:

- Adotou-se o sistema de alarme endereçável, de acordo com IT nº 19/04 e NBR 9.441/98, prevendo-se pontos de acionamento manual, sirenes eletrônicas, e central, interligando-se ao sistema de detecção, também a ser instalado.

Características dos componentes:

- Adotado o item 5.3 da NBR 9.441/98 para os componentes do Sistema:
  - Central
  - Painel Repetidor
  - Acionadores Manuais
  - Avisadores Acústicos

- Circuitos
- Conduitos
- Fiação

Considerações:

O livro de controle e manutenção do sistema será de responsabilidade do empreendimento, que definirá, pós-instalação, os parâmetros da prestação do serviço.

#### Iluminação de Emergência

Parâmetros de Projeto:

- Adotou-se o sistema de iluminação prevista na NBR 10.898/99, com nível de iluminação mínimo que permita a evacuação de pessoas, levando-se em consideração a falta de controle da fumaça.
- O sistema adotado, em razão das dimensões da edificação, deve permitir a fácil instalação.

Bloco Autônomo:

- Nas salas e corredores e demais áreas indicadas no projeto, adotou-se a instalação de bloco autônomo, com lâmpadas fluorescentes, interligados a um circuito elétrico CA, em paralelo, com disjuntor próprio, de modo que seja possível o teste sem a necessidade de desligamento da energia do ambiente coberto pelo sistema;
- Os pontos únicos do ambiente podem ser instalados diretamente nas tomadas, prevenindo-se alcance do equipamento para testes.

#### Extintores

Parâmetros de Projeto:

- Adotaram-se os parâmetros da IT nº 21/04.
- Os testes e nível de funcionamento dos equipamentos são de responsabilidade do fornecedor especializado e habilitado pela ABNT.

#### Sinalizações

Parâmetros de Projeto:

- Adotaram-se os parâmetros da IT nº 20/04, com placas fotoluminescentes.

Sinalização Básica – composta das seguintes categorias:

- Proibição.
- Alerta.
- Orientação e Salvamento.
- Equipamentos.

Sinalização Complementar:

- Indicação de Rotas de Saída.
- Indicação de Obstáculos.
- Complementação de Informações para Sinalização Básica.
- Identificação de Sistemas de Proteção Contra Incêndios.

#### Saídas de Emergência

Parâmetros de Projeto:

- Adotou-se a IT nº 11/04 e NBR 9.077/93 e NBR 9.050/94.

Considerando-se a utilização de escadas, o projeto contempla principalmente os itens:

- Corrimão e Guarda-Corpo para desníveis.
- Distância máxima a percorrer.
- Largura dos corredores para rotas de fuga.
- Saídas através de escada NE.

Características especiais:

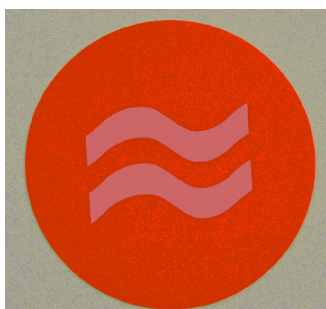
- O instalador deverá executar os serviços de serralheria para corrimão e guarda-corpo, de acordo com a IT nº 11/04, no que couber à característica da edificação.
- Os dimensionamentos e demais parâmetros estão discriminados em projeto.

Em complemento ao projeto acima, o Museu deve ainda assegurar junto ao Corpo de Bombeiros que os veículos de socorro disponham de vias de acesso em número e em quantidade suficientes para acessar a Rua Visconde de Parnaíba, a Rua Dr. Almeida Lima, acesso pela parte posterior, no Arsenal e acesso pela ferrovia na lateral direita. É necessário que, depen-

dendo da situação do edifício em relação a outras construções, tenha-se anulado o risco de propagação do fogo em relação a terceiros (Arsenal).

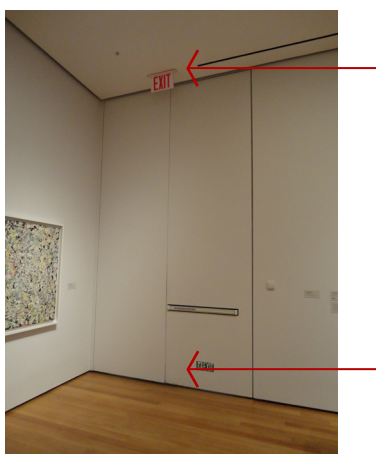
É recomendável que locais considerados de alto risco, como as reservas técnicas, sejam isoladas das demais áreas do imóvel por portas corta-fogo, equipadas com travas de abertura fácil. No local destinado à Reserva Técnica estão previstas duas saídas de emergência. A porta de acesso, próxima à Sala de Quarentena, será do tipo corta-fogo. Nenhuma comunicação entre os locais acessíveis ao público e os locais de alto risco deverá apresentar um grau de corta-fogo inferior a 2 horas.

O Museu deve possuir um plano de emergência, do qual constem as providências a serem tomadas quanto ao acervo (acervo com prioridade de salvamento deverá ser identificado, seja nas exposições temporárias seja na de longa duração, em seus suportes expositivos. Essa identificação deverá ocorrer também nas áreas de armazenagem).



*Exemplo de tipo de identificação de acervo da Reserva Técnica do Centre Georges Pompidou, na França, para os acervos a serem retirados com prioridade sob risco de inundação.*

Deve-se prever ainda que a iluminação/sinalização de emergência seja colocada na parte superior e inferior, pois em caso de existência de fumaça, quando essa sobe, impede a visualização da sinalização.



*Sinalização superior e inferior - MoMA - Museu de Arte Moderna de Nova York*

O Museu deverá providenciar equipamentos de segurança, de acordo com as indicações abaixo:

- Extintores de gás Halotron ou gás FE36 para as áreas expositivas – Extintores Kidde Premium ([www.kidde.com.br](http://www.kidde.com.br)).

- Extintores de  $C_{O_2}$  (gás carbônico) de 5 kg, próximo aos locais que apresentam risco elétrico.
- Detectores de fumaça (com emissão de sinais óticos ou acústicos).
- Dispositivos sonoros de difusão do alerta diretamente ligados à central de segurança.

A quantidade de extintores e a posição dos mesmos deverá ser definida em conjunto com o consultor em segurança e deverá constar do projeto específico a ser submetido ao Corpo de Bombeiros. De toda forma, os extintores deverão estar posicionados em locais diversificados e a equipe do Museu deve ser instruída sobre como devem ser usados.

É recomendável a verificação constante do sistema de hidrantes da instituição, quanto ao funcionamento, capacidade, comprimento da mangueira, etc.

### 5.3. Iluminação

De acordo com o projeto luminotécnico contratado, definiu-se como partido a utilização de fontes luminosas de LEDs, que têm maior vida útil e maior eficiência energética do que as lâmpadas halógenas usadas para iluminação museológica. O custo inicial é maior, mas o “pay-back” do investimento em LEDs pode variar entre 1 ano e meio e 2 anos. Isso significa que o retorno do investimento inicial retorna neste prazo em forma de economia em energia elétrica e manutenção.

Hoje é possível encontrar no mercado lâmpadas de LED com aparência de cor semelhante às lâmpadas halógenas convencionais e reprodução de cor excelente (acima de 80%). Esta melhora da qualidade da luz emitida por alguns fabricantes de LEDs possibilita seu uso para espaços de arte e museologia.

Além da boa qualidade da luz, os LEDs não emitem calor para o ambiente, proporcionando economia em climatização, e também não produzem raios ultra-violeta, responsáveis pelo envelhecimento e desbotamento de objetos históricos e de arte.

Uma outra vantagem dos LEDs em relação à iluminação convencional é uma gama de aplicações maior, devido aos diversos formatos que os LEDs podem apresentar, em fitas, barras finas, e pequenas luminárias. Para a iluminação de vitrines, os LEDs são uma solução muito apropriada, pela instalação discreta e pela ausência de emissão de calor no interior da vitrine.

Há alguns parâmetros quantitativos e qualitativos para comparação entre LEDs e iluminação convencional (comparação entre a lâmpada dicróica com uma substituta em LED). Se comparadas, o comportamento luminoso é muito semelhante. No entanto, chama a atenção a durabilidade (vida útil) de cada uma, favorecendo o LED, em troca de um custo inicial maior. O LED ainda tem a vantagem de não necessitar de reator ou transformador, sendo

ligada em rede 220V, enquanto que a dicróica, por ser 12V, necessita de transformador, que é mais um produto que exige manutenção constante. A ausência de manutenção do LED é o seu maior atrativo.

Cabe salientar que em alguns casos será necessária a utilização de lâmpadas convencionais, inclusive fluorescentes, que também apresentam ótima eficiência luminosa.

De qualquer maneira, o projeto prevê o controle de luz no interior do edifício, de forma a regular a incidência de luz direta, notadamente nas áreas expositivas. Já as áreas de circulação, de informação e de convivência estão liberadas para entradas de luz, principalmente as que podem se fazer por canais próprios da edificação. Dispositivos de controle de incidência de luz são imprescindíveis na sala de Reserva Técnica, de modo a não possibilitar a entrada de luz natural direta.

A classificação dos materiais em relação a sua resistência ao efeito da radiação luminosa varia conforme as instituições, o país e o setor (têxtil, plásticos, tintas, etc.).

Para efeitos museológicos, convém adotar o critério usualmente considerado pelo ICOM (França), ICCROM, Canadian Conservation Institute e UK Institute for Building Services.

LIMITES PARA A ILUMINAÇÃO, EM FUNÇÃO DOS CONTRASTES E DO CALOR DAS FONTES:

Materiais	Iluminação máxima (LUX)
Pedras, metais, cerâmicas (em estado de perfeita conservação), minerais, joias, vidros, esmaltes, algumas madeiras e fósseis.	Livre
Pinturas a óleo, têmperas, couros naturais, lacas orientais, madeiras em geral, chifres, marfim, ossos.	200 a 150 lux
Têxteis com corantes estáveis (exceto seda), tapeçarias, afrescos, vestimentas, madeiras tratadas, couros coloridos.	75 lux
Aquarelas, sedas, material impresso (livros e jornais, principalmente recentes), selos, desenhos, estampas, manuscritos, papel pintado, guaches, miniaturas, espécimes de história natural, botânica, peles, penas.	50 lux

Observações:

Existem divergências quanto ao limite máximo de iluminação para pinturas (200 ou 250 lux).

Os limites referem-se aos efeitos fotoquímicos, subentendendo-se que a radiação na faixa do Ultra Violeta esteja abaixo de 75 microwatts por lúmen.

Subentende-se uma exposição de 3.000 horas por ano.

Limites para objetos compostos de materiais diversos devem ser estabelecidos em função

do material mais frágil.

Levando em consideração a lei de reciprocidade, é possível aumentar os limites máximos (200 lux durante 25 horas produzem um efeito equivalente a 50 lux durante 100 horas).

#### 5.4. Climatização (Sistemas de ar condicionado e de ventilação mecânica)

Orientamos novamente que deverá ser contratado o quanto antes um projeto complementar para o sistema de climatização (sistemas de ar condicionado e ventilação mecânica, que fará interface com o projeto de automação predial e de elétrica. Quanto mais cedo esses projetos puderem ser desenvolvidos em conjunto, mais recursos poderão ser otimizados em função da compatibilização das necessidades. A Expomus apresentou em 18/02/2011 a proposta da empresa Vetor – Consultoria e Projetos de Engenharia, para o desenvolvimento desse projeto.

O sistema de climatização do edifício deverá contemplar dois níveis diferenciados de atendimento:

a) *climatização de conforto* para áreas de circulação, convivência e atividades programáticas para o público visitante e toda a área funcional e administrativa do Museu. Tal climatização não necessita de um controle rígido e sua indicação será entre 20° e 25°C.

b) *sistema para climatização de áreas técnicas*, compreendendo os espaços expositivos, as reservas técnicas e demais dependências de tratamento, preservação ou circulação de acervos, que permitam o controle contínuo das condições de temperatura e umidade, corrigindo as alternâncias exteriores e garantindo indicadores internos estáveis. Isso implica a adoção de soluções diferenciadas e articuladas, para que se obtenha um sistema eficiente e não oneroso para o Museu.

Para que esses espaços técnicos estejam adequados para essa multiplicidade de usos, deve-se provê-los de uma “banda larga”, ou seja, de uma faixa mais versátil de temperatura e umidade que permite o controle total.

As referências para limitar os extremos desse sistema são:

BANDA LARGA	TEMPERATURA (°c)	UMIDADE (%)
Teto mínimo	ENTRE 18° E 20°	55% (tolerância de variação entre 5%)
Teto máximo	ENTRE 22° E 24°	70% (tolerância de variação entre 5%)

O sistema será versátil o suficiente para atender a uma demanda variável e demarcável,

caso a caso, entre estes parâmetros mínimos e máximos indicados.

O projeto a ser contratado desenvolverá as seguintes atividades:

#### Cálculo de Cargas Térmicas

Será calculada a carga térmica dos ambientes a serem beneficiados pelo sistema de ar condicionado, em software de propriedade e desenvolvimento exclusivo, sendo o cálculo realizado hora a hora para os meses típicos de verão (dezembro, janeiro e fevereiro) e dotado de rotina de pesquisa de carga máxima simultânea para os condicionadores de ar e para a central de água gelada.

O cálculo, realizado da forma como indicado, possui um elevado grau de precisão na determinação dos valores de cargas térmicas e vazões de ar insufladas, garantindo a escolha e especificação de equipamentos com tamanhos e potências adequadas às necessidades específicas dos ambientes e, como consequência direta, economia no investimento inicial, bem como no consumo energético global.

#### Cálculo da Vazão de Ar do Sistema de Ventilação Mecânica

Será calculada a vazão de ar circulada nos ambientes beneficiados pelo sistema de ventilação mecânica, sendo o cálculo realizado de acordo com as normas vigentes e em função das características arquitetônicas da edificação.

#### Distribuição de Ar

Todas as redes de distribuição de ar serão dimensionadas através de software de propriedade e desenvolvimento exclusivo, sendo as mesmas indicadas (lay-out e dimensionamento) nos desenhos do projeto.

#### Redes Hidráulicas

Todas as tubulações do sistema de ar condicionado (água gelada e/ou água de condensação) serão projetadas, dimensionadas e selecionadas por meio de software de propriedade e desenvolvimento exclusivo, sendo o lay-out e os diâmetros indicados nos desenhos.

#### Equipamentos dos Sistemas

Todos os equipamentos dos sistemas serão calculados, dimensionados e especificados, tomando-se como base os fabricantes de reputação comprovada no mercado.

#### Assessoria Técnica durante o Desenvolvimento do Projeto

Em paralelo ao desenvolvimento de nossos serviços, será acionada a assessoria técnica com o intuito de possibilitar a elaboração dos serviços dos demais projetistas integrantes da

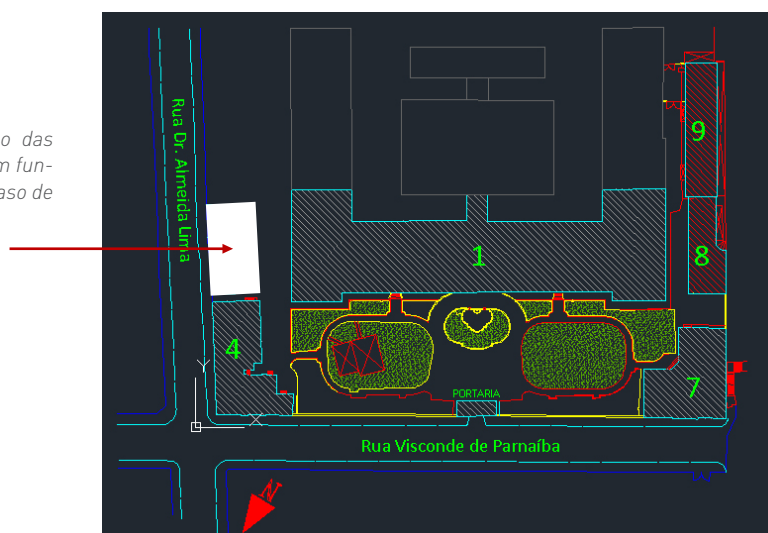


equipe de trabalho. Neste sentido, serão fornecidas as informações básicas indicadas como:

- Posicionamento e dimensões de casas de máquinas.
- Encaminhamento e espaços físicos necessários à instalação dos dutos e das tubulações.
- Potência e localização dos pontos de força.
- Localização de pontos de dreno e de água.
- Furações em vigas (caso sejam necessárias).

A automação do sistema geral será desenvolvida pelo Projeto de Automação, ligado à central de segurança. Haverá a possibilidade de visualizar o histórico dos registros e da emissão de gráficos, bem como o envio desses gráficos ou relatórios via internet.

*Local previsto para a instalação das máquinas de ar-condicionado, em função da facilidade de acesso em caso de manutenção*



## 5.5. Sistema elétrico

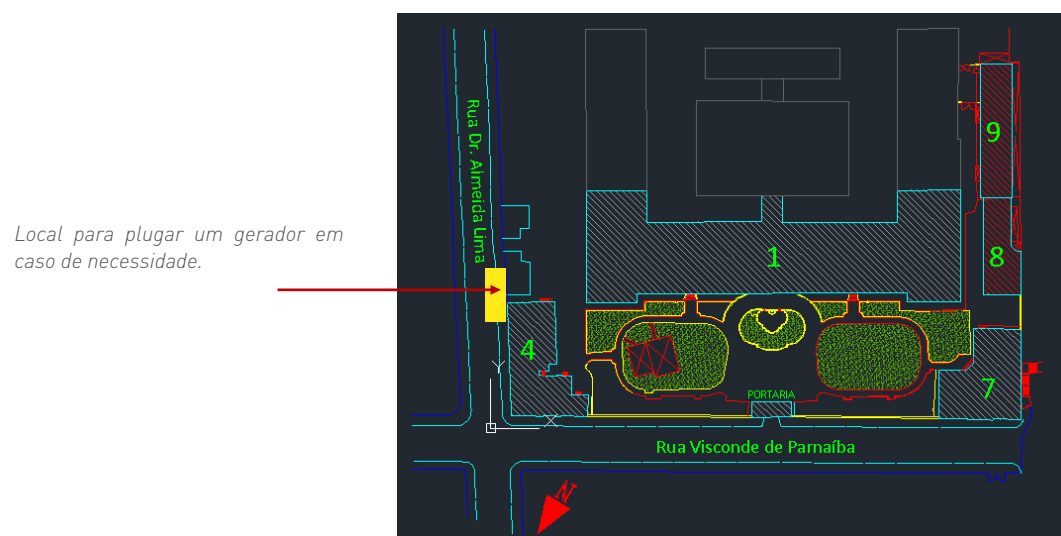
As instalações elétricas serão adequadas, em capacidade e pontos de alimentação previstos segundo os usos indicados para cada espaço, prevendo as seguintes exigências: sistema de iluminação museal para circuito expositivo de longa duração e temporário; sistemas integrados multimeios, de projeção e amplificação de som para o Centro de Referência, equipamentos de informática para uso funcional, gerencial e de controle de acervo; terminais para consulta a serem disponibilizados ao público visitante; sistema de climatização para Reserva Técnica; sonorização ambiente ou dirigida a circuitos específicos; realização de serviços de manutenção para o edifício; uso de equipamentos para montagem de exposições.

Observações:

O sistema elétrico será dimensionado para atendimento às atividades e instalações acima descritas, necessitando de avaliação particularizada com relação à adoção de geradores e

sistemas de *no-break* que permitam o funcionamento contínuo do Museu, sem danos para a conservação dos acervos nem transtornos para o público nos momentos de interrupção de fornecimento de energia.

À carga estimada será acrescido um percentual de expansão, de forma a contemplar novas atividades que venham a surgir com o funcionamento do Museu ou com a ampliação das previsões efetuadas na implantação inicial da unidade. Também há que se considerar estratégias alternativas para eventuais crises energéticas e seus desdobramentos possíveis.



## 5.6. Projeto paisagístico

Informamos que deverá ser contratado o quanto antes um projeto complementar para o Projeto Paisagístico para todo o complexo que envolve o Museu da Imigração. A Expomus levantou o orçamento para a elaboração do projeto com a empresa Alexandre Freitas e Rosa Kliass, que seguem anexos.

O projeto irá contemplar as seguintes etapas:

- Definição da vegetação de toda a área (inclusive aproveitamento/relocação da vegetação existente).
- Pisos e outras áreas construídas externas (bancos fixos, espelhos d'água, etc.).
- Orlas, muretas, gradis e acabamentos internos e externos.
- Mobiliário de jardim: bancos, vasos e acessórios para condução da vegetação.
- Modulação da topografia do terreno.
- Locação de objetos do acervo (se for o caso).

- Diretrizes para o projeto luminotécnico e de irrigação.
- Memorial descritivo do projeto.

## 5.7. Sustentabilidade

Apesar de já termos apontado essas indicações em relatório anterior, consideramos de igual importância que sejam mantidas as mesmas recomendações nesse documento. Acreditamos que, com a requalificação do Museu da Imigração, esse processo de conscientização será desenvolvido de forma progressiva, em função das próprias atividades do Museu. Já nessa etapa foi considerada fundamental a decisão que se tomou com relação ao uso da iluminação em LED.

Portanto, é fundamental que haja coerência entre os valores e a prática, e mais do que isso, que eles sejam bem comunicados e facilmente percebidos pelos públicos-alvo, em diferentes níveis de ação do Museu. Assim, acreditamos que é fundamental que o Museu tenha uma ação ambiental efetiva, que deve necessariamente estar também refletida na construção de seu edifício, que deverá ser um “prédio verde”, ecologicamente correto e sustentável. As ações ambientais devem permitir o controle e monitoramento contínuo dos índices de medição.

Assim, para a concepção do Projeto de Sustentabilidade, é preciso considerar o local e seu entorno, a eficiência da utilização da água, da energia, dos materiais e recursos, e a qualidade do ambiente interno.

Para ilustrar essas considerações, podemos citar alguns exemplos considerados necessários para a obtenção da Certificação *LEED*, junto ao *US Green Building Council*.:

### O sítio e Entorno Sustentáveis

- Recompensar edifícios projetados e construídos com sensibilidade ambiental, que em consequência permitem a operação e manutenção sustentável com facilidade, incentivando que novos edifícios e novos condôminos realizem projetos e construções certificadas.
- Encorajar práticas de gerenciamento de pisos, fechamentos e áreas externas, que impliquem em exteriores bem mantidos, limpos e seguros, ao mesmo tempo que apoiam operações de alto desempenho, implementando um plano de gerenciamento de áreas externas de baixo impacto, incluindo práticas de limpeza e manutenção “verde”, substituindo equipamentos e derivados de petróleo por equipamentos elétricos, por exemplo.

- Preservar a integridade ecológica, incrementar a diversidade e suportar a manutenção das espécies nativas; e suportar operações de alto desempenho e integração com o entorno natural, desenvolvendo um plano de gerenciamento para os componentes naturais do terreno, que contenha o gerenciamento integrado de pestes, plantas, fungos, insetos e/ou animais, de maneira a não prejudicar a saúde humana e o ambiente. O mesmo plano deve se alinhar com as práticas de controle de pestes no interior do edifício. Prever ainda a erosão e a sedimentação para a manutenção de paisagismo e obras.
- Reduzir a poluição e o impacto em áreas desenvolvidas pelo uso de automóvel.
- Conservar áreas verdes e restaurar áreas para promover habitat e promover biodiversidade.
- Limitar o impacto na hidrologia local pela redução das áreas impermeáveis, incrementando permeabilidade no terreno e gerenciando a descarga de águas pluviais de tempestades.
- Reduzir ilhas de calor (diferenças térmicas entre áreas verdes e desenvolvidas), para minimizar o impacto no microclima, no habitat humano e das espécies locais.
- Minimizar o vazamento de luz do edifício e terreno, reduzir brilho gerado para aumentar o acesso visual ao céu e reduzir o impacto no ambiente noturno.

#### A eficiência na Utilização de Água

- Maximizar a eficiência das louças e metais no edifício, para reduzir o impacto no sistema de fornecimento de água potável e na hidrologia local.
- Medir os sistemas de água, ao longo do tempo, a fim de compreender os padrões de consumo e identificar oportunidades para economias.
- Limitar ou eliminar o consumo de água potável, ou água de fontes naturais, para irrigação.

#### A eficiência da Energia e a Atmosfera

- Promover a continuidade da gestão de informações, a fim de assegurar a eficiência energética nas estratégias de operação e manutenção, e prover embasamento para treinamento e avaliação de sistemas.
- Estabelecer níveis mínimos de eficiência energética das operações do edifício, com relação a edifícios semelhantes, a fim de reduzir os impactos econômicos e ambientais associados ao uso excessivo de energia.
- Reduzir a agressão à camada de ozônio.

- Atingir níveis crescentes de eficiência energética nas operações do edifício, a fim de reduzir os impactos econômicos e ambientais associados ao uso excessivo de energia.
- Implantar um processo sistemático para desenvolver um entendimento das operações dos sistemas de energia do edifício e definir opções para otimizar o desempenho energético.
- Implementar pequenas melhorias e identificar investimentos para assegurar que os sistemas de energia estão efetivamente reparados, operantes e mantidos para otimizar o desempenho energético.
- Realizar ajustes periódicos e rever sistemas de operação do edifício e os processos essenciais para otimização da eficiência energética.
- Prover informações para suportar a responsabilidade contínua e a otimização do desempenho energético e identificar oportunidades para maiores economias.
- Prover informações precisas com relação à utilização de energia.
- Encorajar e reconhecer níveis crescentes de utilização de energia renovável, gerada no terreno ou externamente, a fim de reduzir os impactos econômicos e ambientais relacionados à utilização de energia baseada em combustível fóssil.
- Reduzir a agressão à camada de ozônio.
- Documentar as reduções nas emissões geradas pela melhoria de eficiência.

#### Sobre os Materiais e os Recursos

- Reduzir os impactos ambientais causados por produtos adquiridos para utilização na operação, manutenção e renovação do edifício.
- Facilitar aos ocupantes do edifício a redução na geração de resíduos que são destinados a aterros sanitários ou incinerados.
- Reduzir o impacto ambiental e na qualidade do ar, dos materiais adquiridos para operação e manutenção do edifício.
- Estabelecer e manter um programa de redução de fontes de materiais tóxicos, a fim de reduzir a quantidade de mercúrio trazida para o edifício com a compra de lâmpadas.
- Reduzir o impacto ambiental e o relacionado ao transporte que são associados à produção e distribuição de alimentos.
- Facilitar a redução na geração de resíduos gerados constantemente pelos ocupantes do edifício e suas operações, destinados a aterros ou incineradores.

- Redirecionar produtos recicláveis de volta para os fornecedores e reaproveitáveis para outras obras.

#### A Qualidade do Ambiente Interno

- Estabelecer níveis mínimos de desempenho para a qualidade do ar interno, contribuindo para a saúde e o bem-estar dos ocupantes.
- Reduzir a exposição dos ocupantes e pessoal de manutenção do edifício a riscos químicos, biológicos e de particulado em potencial, que afetam a qualidade do ar, a saúde humana, os acabamentos do edifício, sistemas e o meio ambiente.
- Melhorar a qualidade do ar interno, otimizando práticas para prevenir o desenvolvimento de problemas no edifício, corrigi-los quando ocorrerem, e manter o bem-estar dos ocupantes.
- Prover capacidade de monitoração dos sistemas de ventilação do edifício para auxiliar a manter o conforto e o bem-estar dos ocupantes.
- Prover renovação do ar adicional para melhorar a qualidade do ar interno, o conforto e o bem-estar dos ocupantes.
- Reduzir a exposição dos ocupantes do edifício e pessoal de manutenção a particulados com perigo em potencial, que podem afetar a qualidade do ar, a saúde humana, os sistemas do edifício e o meio ambiente.
- Prevenir problemas na qualidade do ar gerados por atividades de obras de ampliação ou reformas, a fim de manter o conforto e bem-estar dos ocupantes.
- Verificar o nível de conforto dos ocupantes do edifício, relativo a conforto térmico, acústico, de qualidade do ar, limpeza do edifício e qualquer outro item relacionado ao conforto ambiental.
- Prover um alto nível de controle individual sobre as condições de iluminação para os ocupantes, ou grupos de ocupantes (auditórios ou de reuniões) para promover produtividade, conforto e bem-estar dos ocupantes.
- Prover sistemas de operação e manutenção apropriados para garantir que o edifício e os sistemas prediais provenham conforto térmico, que amplia a produtividade e o bem-estar dos ocupantes.
- Prover aos ocupantes conexão com o exterior pela introdução de luz natural e acesso a vistas externas.
- Reduzir os impactos ambientais de produtos de limpeza, papel para limpeza e sacos de lixo.

### III. BIBLIOGRAFIA

AIDAR, Gabriela. O papel social dos museus. *Revista da Faculdade Porto Alegre de Educação, Ciências e Letras*. Porto Alegre, 2002.

AIDAR, Gabriela e Mila, CHIOVATTO. Ação educativa em museus. In: PARK, Margareth Brandini et al (org.). *Palavras-chave em educação não-formal*. Editora da Unicamp, Campinas, 2007.

BRUNO, Maria Cristina Oliveira. A musealização em São Paulo: os caminhos interpretativos da cidade. In: *Expedição São Paulo 450 anos: Uma viagem por dentro da metrópole*. São Paulo, Secretaria Municipal da Cultura e Instituto de Políticas Públicas Florestan Fernandes, 2004.

GRINSPUM, Denise. *Educação para o Patrimônio: Museu de Arte e Escola - Responsabilidade compartilhada na formação de públicos*. Tese de doutorado. Faculdade de Educação da Universidade de São Paulo, 2000.

MENESES, Ulpiano Bezerra. *O Museu de cidade e a consciência da cidade*. In: Atas do Seminário Internacional Museu e Cidade. Rio de Janeiro, Museu Histórico Nacional, janeiro de 2003.

\_\_\_\_\_. *A Exposição museológica: reflexões sobre pontos críticos na prática contemporânea*. In: Ciências em Museus. Belém, 1992.

PAIVA, Odair da Cruz. *Territórios da Migração na Cidade de São Paulo: entre a afirmação e negação da condição migrante*, 2010. (artigo no prelo).

TOJAL, Amanda Pinto da Fonseca. *Museu de arte e público especial*. Dissertação de Mestrado. Escola de Comunicações e Artes, Universidade de São Paulo, São Paulo. 1999.

Jornal O Estado de São Paulo. *Caderno Especial*. Terça-feira, 25 de janeiro de 2011.

Jornal Folha de São Paulo. *Caderno 457 anos*. 25 de janeiro de 2011.

#### Sites de referência:

<http://larchmontgazette.com/2007/travel/20071018hamburg.html>

<http://www.immd.gov.hk/ehhtml/museum.htm>

<http://9teen87spostcards.blogspot.com/2010/09/canadas-immigration-museum-pier-21.html>

<http://www.danishimmigrationmuseum.com/index.php?page=om-museet>

<http://tourtoo.com/australia/immigration-museum-2/>

<http://www.gothereguide.com/ellis+island+new+york+place/>

<http://www.histoire-immigration.fr/musee/l-exposition-permanente>

<http://www.history.sa.gov.au/migration/about.htm>

<http://portal.mec.gov.br/seb/arquivos/pdf/livro051.pdf>